# Bøletim Tak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL - Número 18 - Novembro / Dezembro 2020







NASZA OKŁADKA - NOSSA CAPA



### Juliana Leonor Kudlinski

Nasceu em Ponta Grossa, no estado do Paraná, Brasil, em 1963. É formada em Letras Português-Inglês pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (1983) e Pintura pela Escola de Música e Belas Artes do Paraná (1990), com especialização em Arteterapia pela Faculdade Padre João Bagozzi (2010). Participou de cursos e workshops sobre pintura e história da arte, com Geraldo Leão, Nuno Ramos, Marco Gianotti, Iole de Freitas; cartazes com Lech Majewski (Polônia); arte americana com Judith Ott Allen e Karen McVay (EUA); psicoterapia "mandalas e sonhos", com Leo Matos (Brasil) e Sven Doehner (México); processos contemporâneos de gravura com Sławomir Ćwiek e Tomasz Matczak (Polônia). Participou de salões, exposições coletivas e individuais no Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Savannah (EUA), Varsóvia e Łódź (Polônia). Trabalhou como orientadora de litografia e xilogravura no Centro de Criatividade de Curitiba, de 1994 a 2007. Transferindo-se depois para o Museu da Gravura Cidade de Curitiba, lá permaneceu como orientadora de litografia até 2015. Trabalhou como coordenadora deste museu até maio de 2018. Atualmente voltou a desenvolver sua pesquisa sobre gravura e desenho.

# Sobre a gravura "Na Zdrowie!"

A imagem "Na Zdrowie!" foi criada a partir da técnica da linoleogravura, com um diferencial. Como matriz, foram utilizados pequenos módulos de borracha, gravados com uma goiva especial, que permite linhas finas. O resultado é uma combinação de formas, texturas e cores, aqui, inspiradas pelos "wycinanki" poloneses. A tradicional arte de recorte em papéis conta a história do povo polonês com vivacidade e riqueza de significados. Esta guirlanda é uma homenagem à herança polonesa, às tradições familiares e ao momento de renovação das esperanças. Um brinde a dias melhores! Saúde! Na zdrowie!

### Bøletim Tak!

AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL Número 18 - Novembro / Dezembro 2020

Editora Chefe: Izabel Liviski Diagramação: Axel Giller e Bruna Brugnolli Brescancini Correspondente Internacional: Everly Giller Revisão e tradução para o polonês: Mariano Kawka e Mari Inês Piekas Capa: Juliana Leonor Kudlinski

REALIZAÇÃO: Casa da Cultura Polônia Brasil

APOIO:

Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba

"Este projeto é cofinanciado com recursos do Ministério das Relações Exteriores da República da Polônia"

Convidamos os interessados a anunciar suas empresas e seus produtos em nossas páginas. Entre em contato para conhecer a tabela comercial com excelentes oportunidades para poloneses/polônicos:

takpoloniabrasil@gmail.com



Prezados leitores.

Estamos próximos do Natal e como todos sabem, este foi um ano atípico, cheio de mudanças no comportamento e no cotidiano das pessoas. No entanto, a esperança se renova pela proximidade da comemoração do nascimento do Salvador. O planeta Terra com todas as suas contradições continua a girar em torno do Sol, e mais do que nunca temos certeza de que a Terra é redonda e gira em torno do sol, como já afirmava Nicolau Copérnico (1473-1543) na sua importante teoria heliocêntrica.

Neste último número do TAK! de 2020, trazemos a belíssima imagem especialmente elaborada para a nossa capa, por Juliana Kudlinski, a gravura "Na Zdrowie!", uma verdadeira mandala de Natal. Temos a alegria de publicar a entrevista de Emilia Piaskowski, a comemoração dos 90 anos da Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia por Marek Makowski, o diário de uma emigrante polonesa por Maria do Carmo Ramos Krieger entre outras. Enfim, esta edição está repleta de boas matérias, receitas e notícias sobre o universo polônico. Boa leitura! *Dobrego czytania!* 

"Segundo o antigo costume, segundo os nossos pais da fé, desejamos-lhe os melhores votos no dia de Natal.
Que este Natal de Belém, que nasce logo após o anoitecer, lhe dê felicidade e prosperidade no próximo Ano Novo."

"Jak obyczaj każe stary, według ojców naszych wiary, chcemy złożyć Wam życzenia, z dniem Bożego Narodzenia.

Niech ta Gwiazdka Betlejemska, która wschodzi tuż po zmroku, da Wam szczęście i pomyślność, w nadchodzącym Nowy Roku."

São os votos da equipe do TAK!: Izabel Liviski, Mariano Kawka, Axel Giller, Everly Giller, Mari Ines Piekas, Bruna Brugnolli Brescancini.



# João Paulo II esteve à frente de seu tempo

Em sua vida, João Paulo II costumava ser acusado de estar com os olhos voltados para o passado, de não entender a contemporaneidade e de não se manter atualizado com o mundo. Valorizava-se, é verdade, seu papel na derrocada do comunismo; contudo, considerava-se que ele não soube se encontrar em tempos de democracia e pluralismo, num mercado global de ideias em que a Igreja Católica precisa lutar pela atenção das pessoas em pé de igualdade com outras instituições.

Porém, hoje, quinze anos após a sua partida para a Casa do Pai, vemos com que profundidade João Paulo II analisou a realidade e com que precisão soube prever os problemas com os quais nos digladiamos. Quando caiu o sistema comunista na Europa, a maioria dos intelectuais sucumbiu a um otimismo generalizado, acreditando que havia acabado o tempo dos grandes confrontos políticos e ideológicos e que se dava o início de uma era dourada da democracia liberal. Estava na moda, naquela altura, falar sobre o "fim da história".

Contudo, o Santo Padre não sucumbiu àquela euforia, dizendo (em seu livro Cruzando o Limiar da Esperança), que o coletivismo marxista era apenas a "pior edição" de um programa mais amplo, que dominou a vida pública no Ocidente nos últimos três séculos, cuja essência era a eliminação de Deus e da religião do espaço público. A história do século XX mostra que essa batalha nunca terminou bem para a humanidade, trazendo grandes tragédias.

Os acontecimentos posteriores deram razão a João Paulo II, que não apenas diagnosticou com precisão males que assolam o mundo ocidental, mas também soube lhes apresentar remédio suficiente. Para ele, o futuro do mundo não se decidirá nos campos de batalha, mas, sobretudo, no seio de cada família e dependerá de como travamos nossas relações com os mais próximos. Por este motivo, elevou os estudos sobre o fenômeno da família para o nível acadêmico-científico. A teologia do corpo, por ele desenvolvida, tornou-se uma profunda, integral e comprovada resposta para a crise de identidade na esfera do gênero e de sexualidade atualmente observada.

Este problema é visível principalmente entre os jovens, que enfrentam dificuldades para entrar na maturidade, pois a civilização ocidental contemporânea perdeu os modelos tradicionais de iniciação, isto é, de alcançar a maturidade. João Paulo II foi o primeiro líder mundial a reconhecer os jovens como um grupo social em separado e exclusivamente a eles dedicou sua mensagem, organizando ciclicamente a Jornada Mundial da Juventude, e dedicando apenas a eles muitos encontros durante suas peregrinações por todo o planeta. Ajudou toda uma geração com pais ausentes e sem modelos de vida a crescer, mostrando a estes jovens qual a verdadeira essência da maturidade: a descoberta da própria identidade, da vocação, do sentido e do objetivo da vida.

Em tempos de progressiva atomização e anomia da vida social, apontava a solidariedade como a princi-

pal regra da vida coletiva. Para ele, a solidariedade era o equivalente social do amor, e sua inspiração eram as palavras de São Paulo: "Levai as cargas uns dos outros". João Paulo II ajudou-nos a descobrir como muitas virtudes sociais têm sua raiz no Evangelho. Por isso, sua renovação exige um retorno às fontes.

Parece que o conceito filosófico a organizar sua relação com o mundo foi o personalismo, que se desenvolveu a partir da construção da vida principalmente nas relações pessoais, primeiro com o próprio Deus, em seguida com as outras pessoas. Este enfoque exclui a instrumentalização do ser humano, seu uso para fins mercantis ou políticos. Precisamente por este ângulo João Paulo II valorava os vários sistemas sociais e econômicos, vendo se eles não reduzem as pessoas apenas ao papel de produtores ou consumidores.

Este personalismo papal nos leva à "Primeira Pessoa", isto é, o próprio Deus, cujo maior atributo é a Misericórdia para com a criação. Não por acaso, ela foi um dos principais motivos teológicos e pastorais do pontificado. Isto foi bem observado por Bento XVI, em sua carta especialmente publicada por ocasião do centenário do nascimento de João Paulo II, quando escreveu que a misericórdia é o "o verdadeiro centro, da perspectiva do qual se deve ler a mensagem contida em seus muitos textos".

Pode-se também lê-la nas palavras pronunciadas em 2002 no santuário de Łagiewniki, as quais até hoje mantêm sua atualidade: "Em todos os continentes, desde as profundezas do sofrimento humano, parece erguer-se a invocação da misericórdia. Lá onde reina o ódio, o desejo de vingança, onde a guerra traz dor e morte aos inocentes, a necessidade da graca da misericórdia, que acalma os pensamentos e corações humanos e faz nascer a paz. Onde falta respeito à vida e à dignidade do homem, é necessário o amor piedoso de Deus, em cuja luz se manifesta o inexpressível valor de cada existência humana. É necessária a misericórdia, para que todas as injustiças do mundo encontrem fim no resplendor da verdade".



(Secretário do Papa João Paulo II. Arcebispo emérito da arquidiocese de Cracóvia)

Cardeal Stanisław DZIWISZ

Cardeal Stanisław Dziwisz, Foto: episkopat.pl

Tradução: Luiz Henrique BUDANT





# Casa da Cultura Polônia Brasil realiza evento on-line: Polônia em 30 Atos

Com Patrocínio da Chancelaria do Primeiro-Ministro da República da Polônia, através de projeto realizado com a Stowarzyszenie "Wspólnota Polska", de 05 de novembro até 19 de dezembro é apresentado o projeto Polônia em 30 atos. O evento consiste na realização de 30 encontros on-line gratuitos, abordando vários aspectos culturais da Polônia, como a história, a economia, a geografia, a arquitetura e o turismo, o folclore e seus trajes, personalidades e curiosidades do cinema, a culinária, os costumes e as tradições, inclusive com programação especial para o público infantojuvenil, aos sábados.

O evento de cunho sociocultural tem o objetivo de difundir a cultura polonesa a toda a comunidade e incentivar o resgate da polonidade dos descendentes. As palestras são ministradas pelas professoras de idioma polonês do Projeto de Idioma "Uczmy się razem!" da Casa da Cultura (idioma@poloniabrasil.org.br) Carolina Scapin Moeniki, Debora Cristina Queirolo Mussak e Regiane Maria Czervinski e também pelos convidados especiais Karel Dolinski, Lourival de Araujo Filho, Mauro Kraenski e Raimundo Karwowski.

Até a apresentação do 12º Ato foram recebidas mais de 430 inscrições (*@CasaDaCulturaPoloniaBrasil*), com público de 11 estados brasileiros - CE, DF, ES, GO, MG, MT, PR, RJ, RS, SC, SP e 4 países - Brasil, Polônia, EUA e Itália, que também puderam interagir através de chat e perguntas. A rede de relacionamentos que se forma após cada palestra, com o intuito de compartilhar as informações e o conhecimento, é grandiosa.

A Casa da Cultura espera em 2021 poder celebrar com muitos eventos, juntamente com outras instituições polonesas de Curitiba, os "150 anos da Imigração Polonesa no Paraná". Mantida por associados e parcerias com instituições polonesas, a Casa da Cultura Polônia Brasil está recebendo constantemente novos associados, no reconhecimento do trabalho oferecido à comunidade polonesa.

Você, leitor, também pode ser um associado, ou seja, um colaborador, para que projetos, ações e eventos possam estar sendo constantemente realizados. Entre em contato conosco pelo endereço:

financeiro@poloniabrasil.org.br.





Projeto financiado com os recursos da Chancelaria do Primeiro Ministro no âmbito do edital público relativo à ajuda à Diáspora Polonesa e aos poloneses no exterior.







# **Futbol Y Sangre Polaca**

Estoy trabajando desde hace un par de años sobre una lista de más de 40 jugadores argentinos y uruguayos de fútbol con apellidos polacos.

Nacidos en Argentina: La Familia Klimowicz (Diego, Javier y Mateo). Semenewicz. Paflik. Cap. Kalinski. Zywica. Matuszyczk. Ostapkiewicz. Szymanowski (Marianela y Alexander). Fydriszewski. Dabrowski. Grabinski. Grabowski. Grelak. Kletnicki (padre e hijo). Kruchowski. Lutzky. Krupoviesa. Marczuk. Mazurek. Pietkiewicz. Troyansky (Franco y su hermano Fernando). Cielinsky. Zielinski. Kruspzky. Kobistyj, Miloc, Krilanovich y Dybala.

Familia Szymanowski: Marianela es actualmente jugadora del "Real Club Deportivo Espanyol" de Barcelona-España. Su hermano Alexander se retiró este año en España.

Nacidos en la República Oriental del Uruguay: Mazurkiewicz. Krasouski. Masnik. Majewski (Francisco y su hermano Alejandro). Y los hermanos Miloc (Luis y Carlos). En Argentina jugaron juntos en 1968 Semenewicz y Paflik en Deportivo Morón, División B. En 1969/70 Zywica con el uruguayo Masnik en Gimnasia y Esgrima La Plata, Primera División. En 1987 en el Club Temperley: Matuszyczk y Dabrowski, División B.

Hay dos casos curiosos. Thadeu Boguzewski el arquero nacido en Brasil que jugó para Independiente de Avellaneda-Argentina (1941). Y el polaco Leszek Przybylowski nacido en Cracovia-Polonia, que vistió los colores de Instituto de la Ciudad de Córdoba (1975). Actualmente reside en USA.

Ellos representan lo que tantos otros por alguna u otra razón no pudieron lograr, jugar en primera división. Muchos quisimos vestir la camiseta de algún club de nuestra zona o equipos mucho más importantes, pero no pudo ser. Pues nuestras calidades técnicas eran escasas y nos llamaban "tronco" o "pata dura". Pero eso no fue obstáculo para que siempre jugáramos a la pelota, en la escue-



la o en la calle. Del norte al sur y del este al oeste, en pueblos pequeños o grandes ciudades. Jugamos y nos divertimos. Festejamos con los brazos en alto los goles a favor y con la cabeza gacha los goles en contra. Alegres en el triunfo y tristes en la derrota. Desde niño llevamos en nuestros corazones la pasión por el fútbol, somos los del espíritu amateur. Somos una masa invisible que alienta espiritualmente a quienes tocados por una varita mágica consiguieron avanzar mientras nosotros fuimos a las tribunas para verlos jugar.

Hoy todos esos recuerdos se hacen parte de nuestra historia personal y tenemos presente a quienes con nuestra misma sangre hicieron realidad los sueños de ser futbolistas profesionales. Directamente cumplieron sus ilusiones e indirectamente las nuestras. Por eso el trabajo que estoy realizando es a la vez un recuerdo y un homenaje. Muchos jugaron únicamente en Argentina, pero otros salieron a recorrer el mundo y llenaron sus pasaportes con sellos de entrada en otros países. Fueron Campeones Nacionales e Internacionales.

Algunos volvieron a sus lares y otros quedaron en otras latitudes conformando nuevas familias. Varios no pudieron alejarse de los campos de juego y hoy entrenan y dirigen técnicamente. La pasión sigue y desde la línea de cal hacia afuera, desde el banco de suplentes, ordenan y arengan a sus dirigidos. Siguen demostrando su espíritu polaco batallador.

Sigo investigando pues hay quienes no tienen apellido polaco, pero si madre o abuela. Si ustedes conocen algún caso les pido por favor ponerse en contacto a este e-mail: edusocala@hotmail.com

Una especial mención para el club Instituto Atlético Central Córdoba de la Ciudad de Córdoba. Por sus filas han pasado un mínimo de cinco jugadores con apellidos polacos. Diego Klimowicz, delantero (Argentina, España y Alemania) desde 1993 a 2011. Una de las tribunas del estadio del barrio de Alta Córdoba lleva su nombre. votación de los asociados por redes sociales. Su hermano Javier, arquero, 1998/2016. Finalizó su campaña en Ecuador, adoptando su ciudadanía.

Mateo hijo de Diego, 2016/19 en Argentina, desde 2019 y actualmente jugando en el Stuttgart de la Bundesliga.

Paulo Dybala, nieto de polaco, (Argentina 2011/12 e Italia desde 2012)), actualmente en Juventus de Turín. Integrante de la Selección Argentina de Fútbol.

Y el paso de Leszek Przybylowski de Cracovia en la década de 1970. Y por coincidencia los colores de Instituto son blanco y rojo, los colores de la bandera de Polonia.

Eduardo Román SZOKALA



Foto Tribuna Klimowicz- Foto Club Instituto



VERSO (ES) TROVA

### Haikais da Colônia - I

Na tacha, Estacho: Polonês é o polaco que se acha!

> Na colônia, ensina a vó Bronia: - Zawsze mów "proszę, dziękuję i dzień dobry" e, se não for ajudar, não estrove!

### Claudio BOCZON

Artista plástico, poeta e polaco - não necessariamente nesta ordem. Criando a partir de elementos, histórias e memórias reminiscentes do passado ou encontradas no cotidiano, sua produção artística é direcionada a um jogo entre a sobreposição e a transparência, o ocultamento e a revelação.



"Pokolenia" - Família Makuch - fotografia do acervo de José Boçon





### Entrevista com Emília Piaskowski

TAK! - Fale um pouco sobre a sua trajetória de vida e sobre as suas viagens à Polônia.

A minha data de nascimento é 29 de julho de 1928. Sou filha de José e Amélia Kopciuszyński, que imigraram para o Brasil em 1912 em busca de melhores dias e de qualidade de sobrevivência pelo pão de cada dia. A minha avó materna acompanhou o casal nessa aventura. Meu pai chegou ao Brasil mais morto do que vivo. Permaneceram na Ilha das Flores de quarentena. A romaria em busca de um teto deveria ter sido muito árdua por muito tempo. A situação começou a melhorar após a Sociedade Polonesa Tadeusz Kościuszko oferecer moradia.

Minha avó materna, Antonina, não se adaptou, voltando para sua terra natal. As condições de moradia eram difíceis, pois não havia água encanada. A cozinha ficava no alto, no sótão, com uma escadaria de mais ou menos 20 degraus.

Assim foram vivendo o dia a dia. A casa acolhedora, sendo uma sede social, deveria ser mantida em ordem. A família ficou sendo zeladora do local. Cada um tinha a sua função. Meus dois irmãos eram bibliotecários, e as mulheres cuidavam da limpeza. Meu pai trouxe consigo profissionalmente a função, a arte de encadernação de livros, na qual se saiu muito bem. A classe médica, na época, trazia seus livros para serem restaurados, e meu pai também atendia as encomendas da Gráfica Vicentina na montagem de livros didáticos. Nessa empresa eram editados o Jornal Lud e a Gazeta Polska.

Na parte da encadernação, eu e meus irmãos aprendemos esse trabalho, que era realizado por nós na parte da noite. O Senhor José conseguiu um emprego fixo na Editora Guaíra. Mais tarde essa editora mudou o nome para *Gazeta do Povo*, onde ele trabalhou até a aposentadoria.

A parte da colagem dessa empreitada era preparada por minha

mãe, que misturava farinha de trigo e água, levava ao fogo até virar um angu. Isso chamava-se grude, pois na época não havia cola. Em polonês chamávamos *krochmal*. Não podia ter nenhuma bolinha, pois prejudicaria todo o trabalho. Nessa oficina havia uma guilhotina, de manuseio perigoso, diante da qual eu tremia de medo. Esse equipamento servia para nivelar as bordas dos livros, pois qualquer falha poderia ser fatal.

No Alto do São Francisco podemos avistar toda a cidade de Curitiba. O Belvedere, recentemente destruído por um incêndio, foi totalmente restaurado nesta administração do atual Prefeito Rafael Greca. A Sociedade Tadeusz Kościuszko, meu berço natal, passou por uma reforma que se prolongou por alguns anos. O setor histórico se estende até o Largo da Ordem. A Igreja do Rosário, também chamada de Igreja dos Defuntos, era o local onde o falecido recebia a cerimônia da última morada. Quando o ato fú-



Emilia Piaskowski na STK - Foto Lula Araujo.



nebre era de uma pessoa importante, de destaque, o cortejo era acompanhado pela banda de música da Polícia Militar até o Cemitério Municipal. O coche fúnebre, com dois cavalos cobertos com mantos de cor escura, era para mim uma cerimônia muito comovente, que está gravada em minha mente talvez para sempre.

Na minha infância, pelo meu jeito de falar, as crianças da vizinhança não me viam com bons olhos, pois eu falava a língua dos meus pais, o polonês, e não sabia falar outra. Elas riam de mim. Dentro de casa só falávamos em polonês. Com o tempo os assuntos passaram a ser tratados no idioma português.

Assim meus pais foram se adaptando com o idioma local. Iniciei os primeiros estudos no Colégio Sagrada Família, na Rua Paula Gomes, onde o era ensino totalmente em polonês. Fiz minha primeira Comunhão na Igreja Santo Estanislau. A falta de recursos me impediu de continuar e buscar um estudo um pouco mais elevado. Desde menina eu tinha um talento para cantar músicas clássicas e religiosas. O rádio me inspirava com a voz do cantor de ópera Benjamin Gigli entoando canções sacras como o *Agnus Dei*.

# TAK! - Fale sobre a sua atuação junto aos grupos como o Folclore, e em especial sobre o Coral, grupo no qual a senhora participa até o momento.

Ingressei no Coral da Sociedade Thalia, regido por um maestro de descendência alemã, Otto Fitzen Reuter. Os componentes do Coral eram quase todos descendentes de imigrantes. Participei de peças teatrais em polonês no Grupo de Teatro Amador. Interpretei numa peça como solista. Mas, como tudo na vida não é só cantar, meu pai exigiu dos filhos uma forma de ajudar nas despesas da família. Consegui uma colocação na função de balconista na Joalheria Kopp, a mais chique da rua 15 de Novembro. Eu não entendia nada do ramo, e o chefe era exigente como era toda organização germânica, pois ele era descendente de alemães. Consegui vencer os obstáculos e permaneci nesse emprego até o meu casamento com o Romualdo em 1953, quando comecei uma nova vida. Emília mãe, esposa, dona de casa. Fizemos muitas mudanças, empregos, residências no interior do Paraná.

Após o nascimento dos três filhos, contraí uma doença grave, tuberculose, e voltamos para a capital, para a casa dos meus pais. Na época meu pai já era falecido. Fui internada, passei por isolamento por 60 dias. Com o pensamento fixo de que eu iria morrer, entrei em depressão, o que foi para mim um período bem doloroso. Após a alta hospitalar, tive que tirar essas ideias mórbidas da cabeça. Como eu gostava de cantar, minha irmã Estefânia, que já frequentava o Coral e o Folclore da Sociedade Juventus, me ajudou a encontrar uma saída melhor para aliviar o meu estado psicológico, que estava crítico. Ela me convenceu a ingressar no grupo, eu aceitei o convite de minha irmã em 1966, e assim devagarinho fui me recuperando.

O folclore da Sociedade União Juventus tinha a direção artística do Professor Tadeu Morozowicz. A or-

questra era regida pelo marido da Dona Apolônia, Sr. João Kozak, e o regente geral era o Padre José Zając. Em 1966, fomos convidados para as Cerimônias do Milênio Cristão da Polônia, no Rio de Janeiro. Como cantora, eu também entrei no grupo da comissão dos trajes. Viajei no avião da Força Aérea Brasileira, e outra parte do grupo partiu de ônibus. A convite do governo do Estado do Rio de Janeiro, as apresentações ocorreram no Teatro Municipal e na televisão local. Muitas autoridades presentes, foi tudo muito lindo.

Quando retornamos de viagem houve um desentendimento, por questão de autonomia, entre os diretores do Coral e a diretoria da sede social do Juventus, e decidimos nos afastar da sede em questão. Ficamos sem teto e sem trajes e começamos a outra fase de todo o nosso grupo. Sem lugar para ensaiar, a Sociedade Tadeusz Kościuszko, tendo como presidente o Sr. Sigismundo Sielski, nos acolheu em sua sede para os ensaios. Havia muitas pessoas querendo nos ajudar, interessadas pela causa. Com o livro de ouro, o meu marido Romualdo conseguiu recursos das empresas que contribuíram para esse recomeço. Começou um trabalho para confeccionar novos trajes, onde as senhoras voluntárias colaboraram e se ofereceram gratuitamente para essa tarefa. Os tecidos mais em conta foram comprados em São Paulo pela equipe dos trajes. Começou uma maratona muito intensa para conseguir reanimar as pessoas a terem um novo movimento de canções e danças dentro da sociedade.

A confecção de todo o guarda-roupa foi dirigida pela Sra. Apolônia Kozak, que conseguiu figurinos para fazer os modelos de determinadas regiões. O objetivo da direção técnica dentro dos ensaios era conseguir montar o espetáculo do casamento polonês na aldeia, projeto do diretor artístico Professor Morozowicz, e assim as pessoas começaram a voltar para o grupo que estava atuando na Sociedade Kościuszko. Foi organizada uma comissão, uma diretoria com o novo título do grupo, Grupo Folclórico Polonês do Paraná, com novos estatutos. Os ensaios prosseguiram muito bem e a estreia se deu no dia 25 de agosto de 1971 no Ginásio de Esportes Thalia. Tenho um folheto retratando esse evento, eu na capa com os pais da noiva. Depois disso, continuamos os ensaios na sede da Sociedade Tadeuz Kościuszko.

Somente durante a sua restauração, que demorou sete anos, minha irmã Estefânia, que fazia parte da diretoria, recebeu o apoio da Sociedade Marechal Piłsudski, na rua Clotário Portugal, onde continuamos como Grupo Folclórico, mas de acordo com certos regimentos ele teve o nome trocado para Grupo Folclórico Polonês Wisła.

Como cantora, fui convidada para participar do Coral da Igreja Santo Estanislau, onde a regente era a Dona Helena Skalski, e começamos os preparativos para a vinda do Papa João Paulo II em julho de 1980. Havendo uma integração do Grupo Folclórico e do Coral da Igreja Santa Cecília, formou-se um grande coral para homenagear Sua Santidade. Ao todo, contando com a orquestra, foram mais ou menos 150 pessoas.





Essa comemoração foi no estádio Major Couto Pereira, e a nossa apresentação foi muito emocionante.

A minha viagem à Polônia, em 1978, foi quando fui agraciada pelo Ministério da Cultura da Polônia, como prêmio pela minha intensiva participação dentro da etnia polonesa em Curitiba. Recebi uma bolsa para o Curso de Etnografia Polonesa em Poznań, onde tive a oportunidade de aprofundar meus conhecimentos sobre as manifestações artísticas locais. Com muita satisfação, voltei à Polônia para participar do Curso de Culinária Polonesa patrocinado pela Braspol em Pułtusk, onde compartilhei a nossa cultura.

Retornei à Polônia em 2005 com o nosso Coral João Paulo II, que foi convidado para o Encontro de Corais na cidade de Koszalin. Foram muitos ensaios, e com trajes especiais para essa apresentação. Foi uma viagem memorável. Continuo participando no Coral João Paulo II em todas as apresentações a que somos convidados.

# TAK! - Como surgiu a ideia de fazer e difundir os cursos de wycinanki?

Tudo começou por acaso, durante os ensaios do Folclore. Estes primeiros ensinamentos e curiosidades surgiram observando a Sra. Apolônia Kozak nos intervalos dos ensaios recortando o papel. Ela também era professora de Educação Artística, e eu assisti a uma de suas aulas do curso de wycinanki no Senac, onde recebi muitos ensinamentos. A partir daquele momento, comecei a arte de wycinanki, que tem uma enorme variedade e riqueza de arte popular, ou seja, os recortes em papel usados pelas camponesas para decorarem suas casas na época do Natal usando tesouras ou tosquiadores. Toda a técnica resume-se em dobrar corretamente o papel e uma boa tesourinha. Fui praticando, formando bicos de prateleira ou lambrequins que serviam para a decoração, e hoje podemos observar estes lambrequins em determinadas residências, que são naturalmente feitas em madeira.

Lentamente desenvolvi meu próprio estilo. Passei a fazer com flores, pássaros, e aprendi a decorar ovos com recortes. Trabalhando com afinco, chegou a época em casa em que meu marido se aposentou sem ter o que fazer. Tentei fazer com que pudesse me ajudar nos recortes, mas ele não quis nem saber, até que um dia, observando-me fazendo os recortes, resolveu pegar a tesoura. Qual não foi o meu espanto com tal interesse repentino! Com a prática tornou--se um perfeccionista, trabalhando melhor do que eu. Sozinha eu não conseguiria realizar as obras obtidas. Em casa era o nosso ateliê, e tínhamos algumas alunas. Foram anos dourados. As peças tiveram boa aceitação comercial, ajudando no orçamento da casa. Mudamos de estilo, pensando fazer um trabalho com uma paisagem local, saindo das obras polonesas, adotando um tema brasileiro. Surgiu a ideia de compor, fazer a estampa da gralha-azul e do pinheiro, que é o símbolo do Paraná. Nesse quadro da gralha azul, o título da peça está escrito em polonês: Mój kawałek Polski jest w Kurytybie. A tradução é: "O meu pedacinho da Polônia está em Curitiba". Inclusive consta num banner de uma exposição e num quadro, ambos expostos na Sociedade Tadeuz Kościuszko.

Em uma das viagens à Polônia uma jornalista entrevistou-me, e o título da reportagem foi essa frase. As peças que fiz da gralha-azul foram muito procuradas, e de uma forma criativa homenageei o Paraná. Venho contribuindo nessa belíssima arte para que possa ser reconhecida e apreciada em todo o País. Tenho observado que essa técnica dos *wycinanki* encontra-se estampada em forma de pratos, xícaras e sacolas, tudo muito perfeito. Com o avanço da tecnologia, recomendo às pessoas que talvez estejam interessadas nesta arte não deixarem de usar o poder que a mente criativa lhes oferece, e suas mãos lhes proporcionarão mais satisfação.

Desde 1993, realizo cursos e exposições em diversos locais, como o Bosque João Paulo II, Casa da Cultura de Araucária, Biblioteca Pública de Araucária, Museu da Imagem e do Som do Paraná, Museu Egípcio Rosa Cruz, Segundo Congresso Polônico da América Latina, Centro Brasileiro da Cultura Polônica da Sociedade União Juventus, Sociedade Tadeuz Kościuszko, Vitrine Literária, Assembleia Geral Nacional da Braspol e Casa da Cultura Polônia Brasil.

# TAK! - Como percebe o advento do Natal, tanto pessoalmente como para a cultura polonesa?

O Natal me impressiona principalmente pela Missa do Galo, com o esmero dos cantos do nosso Coral João Paulo II, e com a liturgia. No tempo de criança era uma tristeza, a gente não tinha presente, não tinha ceia, não tinha nada dessas coisas. Mal e mal tínhamos o *opłatek*, partilhando o pão, perdoando-se e desejando Feliz Natal. Era ali que a gente vivenciava o verdadeiro Natal. A árvore de Natal do meu tempo era natural e tinha aquele cheirinho característico do pinheiro, que durava mais ou menos um mês, decorada com maçãs e velinhas de verdade acesas. Essa era a nossa festa, porque pela tradição polonesa a ceia do Natal tinha que ter 10 ou 12 pratos, mas a gente era muito pobre, não tinha nada disso. Lembro que minha mãe fazia geleia de mocotó, *zimne nogi*.

O Natal hoje é centrado no comércio, na compra de presentes, porque todo mundo pensa em dar presentes, fazer ceias, jantares, bebidas, etc. O Natal deveria ser um momento para celebrar o nascimento de Jesus Cristo, com mais fé e agradecimentos.

Entrevista concedida em novembro de 2020 a

Marli Jeanne WOR



### 90 Anos da Sociedade Polono-Brasileira em Varsóvia

Este ano a Sociedade Polono – Brasileira em Varsóvia está comemorando seus 90 anos de existência, sendo uma das mais tradicionais e antigas sociedades polonesas estabelecidas para fortalecer os laços de amizade com outros países.

A Sociedade Polono - Brasileira (SPB) foi fundada em novembro de 1929 pelo então presidente do Senado da República da Polônia Julian Juliusz Szymański. Por muitos anos este ilustre líder político e importante professor universitário (na área de oftalmologia) contribuiu para a Polônia e o Brasil, dois países que carregava no coração. Ao fundar a SPB foi nomeado o seu primeiro presidente, e até o começo da Segunda Guerra Mundial continuou ajudando e apoiando a Sociedade nas suas atividades culturais e sociais.

Na época da Polônia comunista a SPB dedicou-se principalmente a atividades na área cultural. Após a transformação política polonesa de 1989 a SPB continuou na ativa, organizando eventos e fornecendo apoio a eventos organizados por outras instituições.

Na organização das atividades mais importantes, a SPB conta com o apoio do Parlamento Polonês, Ministério de Relações Exteriores, Embaixada da República Federativa do Brasil em Varsóvia, Sociedade Wspólnota Polska, Liceum Ruy Barbosa, Museu da História do Movimento Popular Polonês, fundações Macunaíma e Terra Brasilis, entre outras.

Nos últimos anos os principais eventos organizados pela SPB com ajuda das instituições citadas acima foram: Publicação das poesias do poeta e pintor polônico Tomasz divulgação na Polô-Łychowski, nia das poesias de Paulo Leminski e da exposição dedicada ao poeta (com importante contribuição de Aurea Leminski), exposição sobre Stanisław Skarżyński e conferência sobre os 150 anos da emigração polonesa ao Brasil. Para homenagear o aniversário dos 100 anos de relações diplomáticas entre o Brasil e Polônia, está sendo preparada uma importante publicação sob a coordenação do professor Jerzy Mazurek.

A SPB funciona sem fins lucrativos, não tem sede própria e organiza suas reuniões no Liceum Ruy Barbosa. Desde 1996 o presidente da Sociedade Polono-Brasileira é o embaixador Stanisław Pawliszewski. No quadro de associados temos importantes acadêmicos, como os professores Elżbieta Budakowska, Marcin Kula, Jerzy Mazurek, Renata Siuda-Ambroziak e Krzysztof Smolana. Entre os sócios que merecem atualmente maior destaque estão Grażyna Araźny, Piotr Cacko, Gustaw Kotlarz, Grażyna Machałek, Krystyna Molska, Wiesław Włodarski e Bartłomiej Znojek. Pessoalmente tenho a honra de ser o vice-presidente da Sociedade.

#### Marek MAKOWSKI

Nascido em Varsóvia, formado em economia pela Escola Geral de Planejamento e Estatística da mesma cidade. Em 1979 iniciou a carreira diplomática no Ministério das Relações Exteriores da Polônia. Cónsul em Curitiba nos anos 1986-1991; 1995-2001; 2012-2018. Nos anos 2004-2008 foi Embaixador da República da Polônia no Panamá. Condecorações brasileiras: "Ordem do Pinheiro" do Estado do Paraná: "Cidadão Honorário" de Curitiba. Iratí/ PR. e Áurea/RS.



Sessão inaugural da Sociedade Polono Brasileira. Senado da Polônia, novembro de 1929. Foto: Arquivo Nacional Digital da Polônia. Fonte: https://photos.szukajwarchiwach.gov.pl/00b3895bff0e2f2f492f1c655feeecfb53c1b6a22da2fe4d353f3d468b095455\_max





## Park Romantyczny w Arkadii -Parque Romântico em Arcádia

A uma hora da capital Varsóvia e perto da vila de Nieborów, encontra-se o Parque Romântico de Arcádia. A inspiração para o nome refere-se a "Arcádia" – a terra idealizada por poetas, da felicidade eterna, despreocupada e paradisíaca.

Este belo local foi planejado contrariando a regularidade e artificialidade da maioria dos jardins construídos na época, é composto por um amplo local livre e atmosférico que parece intocado por mãos humanas. Ao caminhar por lá você pode se sentir um pouco como num "jardim encantado", e é por isso que é um dos mais fotografados e preferidos pelos jovens casais de noivos que o escolhem como cenário para o seu álbum de recordações de casamento.

A história do parque está intimamente ligada à pessoa da duquesa Helena Radziwiłłowa, uma das mulheres mais influentes da época, que fundou o belo parque em 1778 na sua propriedade. A duquesa reuniu em Arcádia uma rica coleção de esculturas e cópias de obras antigas medievais e renascentistas, algumas gregas do século XII-XIII, com as quais ela criou o Museu do Templo de Diana, único para a sua época.

Para construir Arcádia, a Duquesa se inspirou no estilo "inglês" de jardinagem, o qual se originou na Inglaterra no início da década de 70 do séc. XVIII, e aos poucos foi abraçando muitos países europeus e igualmente chegou à Polônia. O estilo promovia composições livres e mais naturais, e se opunha fortemente à uniformidade dos jardins barrocos franceses, que eram desenhados à régua.

A arquitetura e os jardins do Parque Romântico Arcádia foram projetados por Szymon Bogumił Zug, com grande envolvimento pessoal e participação da duquesa. As ousadas intenções da duquesa da época foram realizadas por um jovem romântico visionário, um arquiteto extremamente

talentoso da nova geração, o revolucionário italiano Henryk Ittar. Por volta de 1800, a duquesa se voltou para a estética de um jardim mais romântico. Naquela época, o jardim em Arcádia se abre da pequena e até então fechada área do parque para os vastos campos da paisagem natural circundante.

Um dos locais mais característicos do Arcádia é o "Aqueduto", extremamente pitoresco, inspirado na arquitetura do sistema hidráulico romano. Além do Aqueduto, existem muitos edifícios "escondidos" lá, alguns em ruínas – o que reforça a sensação de estarmos em um lugar mágico. São eles: Gruta de Sibila, Casa Gótica, Arco de Pedra, Templo de Diana, Tumba das Ilusões e o Tabernáculo do Sumo Sacerdote, entre outros. Helena continuou a trabalhar no parque até sua morte, em 1821.

Um passeio pelo Parque Arcádia demora em média uma a duas horas, então prepare-se para respirar ar puro e sentir-se integrado com a natureza, dar uma volta ao passado e encher seus olhos de imagens nunca antes vistas.

O Parque Romântico de Arcádia está interligado com o Parque Nieborów, o qual fica nas imediações. A partir de 1945 faz parte do Museu Nacional de Varsóvia, e desde 2017 está inscrito na lista de Monumentos Históricos.

Texto e fotos: **Everly GILLER** 

Artista e professora, catarinense de Caçador. Em 1983 formou-se em Pintura e Licenciatura em Desenho na EMBAP. Com o apoio do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, cursou por 2 anos o ateliê de Gravura em Metal da Academia de Belas Artes em Cracóvia. Formada em Letras-Polonês pela UFPR. Mora em Varsóvia desde 2018.

Fontes:

http://www.nieborow.art.pl/ogrody/arkadia/ https://www.napokladziezycia.pl/we-dwoje-park-romantyczny-arkadia/



"Aqueduto"





Túmulo da duguesa Helena Radziwiłłowa localizado no centro do parque



### Anotações de uma imigrante polonesa

Esse é um ensaio literário a partir de situações concretas, vividas pelos primeiros imigrantes poloneses, baseadas em fatos reais. Com dados obtidos a partir de documentos oficiais da Colônia Príncipe Dom Pedro (Arquivos da Sociedade Amigos de Brusque/SAB), escrevi como se fossem anotações de um diário, pontuando memórias e fatos.

### 1869, agosto, 25

Para mim, poderia ser janeiro. Ano novo vida nova. Não é no Ano Novo que a gente faz promessas, repensa a vida, quer começar tudo diferente? Pois aqui estou, nessa terra chamada Brasil!

O que me aguarda? Nenhuma surpresa será maior que a da chegada ao porto de Itajahy, no litoral catarinense: baús, trouxas e todo um carregamento de teres e haveres espalhados, à espera de seus donos. Na bagagem eu trazia uma imensa saudade da Polônia, explicada por aquele aperto no coração, pelas lágrimas, pela distância da pátria-mãe que, afinal, não havia sido nada gentil comigo, a ponto de me fazer emigrante.

Da tralha recolhida no porto e levada para as carroças, a constatação de que algumas louças haviam se transformado em cacos: pratos, xícaras sem alças, aquela travessa de servir *pierógui*, lascada. Descobri, mais tarde, que as xícaras não fariam falta: nas canecas, mais robustas, o café, bebida quente à base de grãos, teria outro sabor.

### Setembro, 10

Verde que te quero verde! Olho à minha volta e é o que vejo. Fomos assentados em lotes de terras numa encosta de morro: o relevo faz toda a diferença. Como trabalhar a terra? O lugar chama-se Colônia Príncipe Dom Pedro, na Província de

Santa Catharina, Sul do Brasil. O sistema de governo é Imperial, na pessoa de D. Pedro II, mas o território pertence a Portugal. Fica no Hemisfério Sul e estamos agora quase na primavera. Flores são poucas. Só as que os colonos alemães, da vizinha Colônia Itajahy, a 9 km, insistem em cultivar.

### Setembro, 30

Finalmente uma oportunidade de trabalho. Os homens receberam pá, enxada, foice – ferramentas tão úteis quanto necessárias para lidar na floresta abrindo clareiras, construindo choupanas. Nas paredes dos lares, imagens de Nossa Senhora de *Częstochowa*, símbolo da religiosidade de nosso povo; ela olha por todos e estende suas bênçãos a nós, filhas/filhos distantes. Assim, unidos em oração, fortalecemos nossas esperanças.

### Outubro, 15

Esperanças? De que e para que servem? Às vezes pergunto-me isso e vejo o rio Itajahy-Mirim passar, levando, com as cheias, os sonhos de uma plantação prestes a ser colhida. O Governo Imperial prometeu ajuda, a qual chegou em forma de víveres e alimentos, retirados no Armazém da Colônia Itajahy, mediante cupons de assistência emergencial. A manutenção governamental será até o próximo plantio.

### Novembro, 2

Dia de Finados. Dia de lembrar os mortos. Nosso cemitério já recebeu algumas crianças polonesas, falecidas recentemente. Chamam o local de Cemitério dos Polacos e uma cruz de pedra, pequena e de mármore branco, sinaliza nossos sentimentos mais tristes.





### Novembro, 18

Estou bem de saúde. O trabalho de abertura nas estradas envolve os homens, permitindo uma ajuda mensal e garantindo o sustento das famílias. As mulheres, como eu, fazem o serviço doméstico e cuidam das hortas. Além de costurarem, fazem pequenos remendos, cuidam das crianças e preparam as refeições.

Conhecemos o aipim, uma rama que fornece alimentação forte. Descasca-se, cozinha-se em água e sal. Substitui bem a batata, nosso alimento principal. Com aipim dá para fazer pão, bolo. Triturado, transforma-se em farinha de mandioca, com a qual se preparam outras receitas. Inclusive, quando a farinha é adicionada ao leite, engrossa e torna-se um delicioso mingau para as crianças.

### Dezembro, 25

Natal. Na falta de vodca, ideal para países de clima frio, ergueu-se um brinde com uma bebida local, chamada cachaça. Extraída da cana-de-açúcar (que também fornece o açúcar), é uma aguardente tão forte quanto vodca e igualmente saborosa. *Na zdrowie!* 

Para lembrar o Pierniki (pão de mel típico do Natal polonês), improvisei o bolo com casca de laranja, fruta seca ao sol de dezembro, substituindo o damasco, da receita original. E não é que deu certo?

Na mesa de Natal, coloquei o motivo que torna esta data uma das mais especiais para os cristãos católicos: uma pequena imagem de Jesus Menino, que repousa sobre palha de milho. Um toco de vela ilumina o ambiente. Já o pinheiro, cortado na floresta nativa quase no quintal de casa, tem enfeites de papel recortado: os *wycinanki*.

### 1870, Fevereiro

Algumas pessoas pensam em desistir, ir embora. Para onde? Nosso lugar é aqui. Há promessas do Governador da Província e do Diretor da Colônia para os homens trabalharem em estradas e picadas. O espírito de luta, fortalecido pelo suor do trabalho diário dos nossos maridos, às vezes esmorece. É tudo tão diferente, outra cultura, há costumes tão diversos e, dizem, começaram a aparecer alguns índios, os primeiros habitantes do lugar. Nossos vizinhos, os imigrantes alemães, já receberam

a visita de alguns deles. Dizem que são arredios (e não era para serem? Chegamos, tomamos conta do que era seu, assumimos um espaço geográfico repleto de árvores que foram derrubadas para criarmos o nosso espaço...) não só para conversarem (imagina linguajares diferentes: polonês, alemão, guarani – dos autóctones), mas não hesitam em matar, por sentirem-se ameaçados. Notícias dão conta de que um colono foi morto a flechadas enquanto estava em sua plantação. Por isso a direção da Colônia avisou para ficarmos atentos aos ataques.

### Qualquer dia de março

Quase perco a noção do calendário. Marcar os dias nem sempre é interessante do ponto de vista de quem plantou e espera pela safra: hoje choveu demais, ou: a seca prolonga-se, ou: as sementes não foram entregues, ou, simplesmente os dias não passam!

### Julho, 19

O desânimo quer tomar conta de mim. Como estará minha família? Não vou entregar-me. Meu país não pode ficar como um quadro na parede, cuja



Aquarela Everly Giller, 2020



HISTÓRIA

paisagem só reproduz a imagem que desejo voltar a ver, antes que desapareça da minha lembrança. Ah! E quando viajar à Polônia trarei mais xales, tamancos, saias rodadas e enfeitadas. Porém não sei se haverá uma viagem de volta: o Governo Imperial alega que somos imigrantes espontâneos e não oficiais, como os alemães, listados e cadastrados nas Agências de Emigração, lá na Europa. A bem da verdade, também não sei se algum imigrante alemão retornou. Acho que não. É difícil e caro.

### 1871, Junho, 10

Hoje faz dois anos que embarcamos no navio Victoria, no porto de Hamburgo/Alemanha. O cansaço pela longa viagem marítima deixou-nos debilitados. No navio a comida era razoavelmente boa: serviam sardinhas, carne duas vezes por semana e, todos os dias, café pela manhã e chá à tarde. Conhaque, vinho, limões e remédios foram de grande utilidade na travessia do Oceano Atlântico, para resistirmos.

Nós, mulheres, pouco víamos os maridos, pois fomos acomodadas em lugares diferentes e distantes. Conversávamos quando nos encontrávamos no convés, à luz do dia, apreciando a paisagem e as gaivotas, belas aves marinhas que acompanhavam a rota dos

### Agosto, 21

Soube que um professor da vizinha Colônia Blumenau, Sebastião Saporski, e o pároco da Igreja de São Pedro Apóstolo, de Gaspar, padre Antônio Zielinski - localidades próximas daqui - pensam em levar-nos para outra Província, a do Paraná. O esquema é à revelia do Governo Imperial que crê, depois de estarmos assentados, não ser necessária nossa transferência. Não há documento oficial autorizando a viagem e, segundo consta, D. Pedro II está passeando pelo Egito, não tendo recebido nenhuma pessoa com a qual tivesse conversado a respeito. Portanto, fica a dúvida pairando no ar.

### Setembro, 18

Hoje recebemos notícias sobre nossa partida: as mulheres irão de carroça até o porto de Itajahy e de lá, ao porto de Paranaguá, no Paraná. Os homens, que sairão antes, irão a pé. Destino: o rocio curitibano. Dará certo? As promessas feitas quanto a melhores condições de vida serão cumpridas?

Levo no bolso meu bloco de anotações a fim de registrar o que está por vir. No coração, novamente aquela sensação de angústia pelo desconhecido. Aguardem, pois darei notícias.

Partiu Curitiba!

Maria do Carmo Ramos KRIEGER

É natural de Brusque/SC. Pesquisa/escreve sobre os primeiros imigrantes poloneses ao Brasil, chegados em agosto de 1869 à sua cidade.



# Józef Stańczewski: educador, poeta e ativista

No alvorecer do século XX a força política dos trabalhadores, a ascensão do nacionalismo e a I Guerra mundial possibilitaram o renascimento da Polônia. A reunificação e a constituição da II República (1918-1939) foram complexas. Soerguer-se das influências e da repressão dos impérios austríaco, alemão e russo não foi nada fácil. Havia muitas coisas para a jovem nação resolver: instabilidade política em torno da Constituição de 1921 e do assassinato do Presidente da República Gabriel Narutowicz (1922); a reorganização territorial; a depressão econômica; tensões interétnicas; efeitos psicológicos e materiais da guerra; o golpe de estado e o governo ditatorial de Józef Piłsudski (1926-1939), além da redução drástica da população polonesa pela migração de 3,5 milhões de pessoas.

É este o cenário no qual viveu Józef Stańczewski (Figura 1). Uma época conturbada e de conflitos globais. Um momento em que as artes e a literatura polonesa procuravam superar o nacionalismo, as tradições e os valores memoriais. Ao mesmo tempo, o renascimento da nação estimulava o desejo de lutar por uma condição de vida digna e superar a degradante condição humana no pós-guerra. Estes anseios estavam presentes em seu pai, Bronisław Stańczewski, respeitado artista que produziu os painéis da sinagoga de Wąbrzeźno. No entanto, estes anseios eram contrabalançados com os estreitos vínculos entre as artes e os ofícios tradicionais. Os esboços e uma pintura do Castelo dos Bispos de Chełmno (1303-1311) foram doados à administração da cidade de Wabrzeźno. Nessa época o lugar fazia parte da Prússia Ocidental, distrito de Kwidzyn. Sobre a mãe de Józef, Anna, não há informações precisas. Exceto sobre o seu lugar de nascimento: Gerlach.

Em meio a este caos Józef Stańczewski concluiu seus primeiros estudos entre 1916 e 1919. Ele estudou num colégio alemão na Pomerânia. É claro, estudos mesclados por um período de trabalho nos setores do comércio e relojoaria. A interrupção nos estudos decorreu da falta de recursos financeiros. Porém, sua atuação como auxiliar no tribunal distrital da cidade de Wąbrzeźno conferiu-lhe habilidade para escrever e compreender melhor o mundo jurídico. No ano seguinte o nosso autor compôs as fileiras do 2º Regimento Siberiano, atuando na Guerra Polono-Soviética (1919-1920). Na época as campanhas de recrutamento tinham como slogan: "Às armas! Salve a pátria! Lembre-se bem de nosso destino". O referido regimento, comandado pelo famoso General Józef Haller, agiu na frente Norte, em Narew e Grodno. No chamado Milagre do Vístula ou Batalha de Varsóvia os poloneses, em menor número, venceram, reconquistando seus territórios e sua independência. A derrota obrigou o governo russo a assinar o Tratado de Riga, em 18 de março de 1921. Stańczewski participou da batalha em Działdowo e, depois, dirigiu-se a Toruń. Ali, o exército procurava evitar a retirada bolchevique após as batalhas de Radzymin e Makowiec e Nasielsk (Stańczewski, 1925, p.3). A situação não estava de todo resolvida para Stańczewski. Ao retornar à cidade natal, trabalhou na horticultura e, em seguida, tornou-se educador. Nessa época ele escreveu "Esboço sobre a cidade de Wąbrzeźno".

E se, de um lado, as campanhas de colonização anunciavam o sonho do paraíso nas terras do Sul do Brasil,





de outro, a terra de promissão se transformou em terra de provação. Esta situação mudou com a reunificação polonesa na década de 1920. O projeto polonês de colonização ultramarina passava a assistir os concidadãos poloneses e visava manter os valores culturais, linguísticos e religiosos. Em compensação, pairava no ar o problema da integração à realidade brasileira. O isolamento comunitário, assentamentos em áreas difíceis, falta de apoio do governo brasileiro, a resistência cultural dos imigrantes ou ainda de dupla identificação com o Brasil e com a Polônia eram coisas corriqueiras, as quais se agravaram com a nacionalização varguista (1938).

No período de entreguerras, as práticas educacionais, escolas, bibliotecas itinerantes e a imprensa étnica foram fundamentais para a salvaguarda identitária e formativa de descendentes e imigrantes poloneses. As ações eram coordenadas por instituições particulares e estatais, lideranças, intelectuais e agentes consulares (Regina da Silva, 2019). É no bojo dessas circunstâncias e do projeto expansionista polonês que Stańczewski (pseudônimo Fredecensis) chegou ao Brasil (1921). Ele se estabeleceu nas cidades de Blumenau (SC) e depois, em Curitiba (PR). Prestou concurso e se integrou à Associação dos Professores das Escolas Cristãs Polonesas - Oświata, isto é, educação. Nesta época, havia também a Associação Profissional Polonesa dos Professores das Escolas Particulares Kultura (de orientação leiga e liberal). Estas instituições, que acabaram se unindo mais tarde, realizaram um grande movimento. Promoveram a qualificação dos professores poloneses, incentivaram o teatro e editaram manuais escolares, em língua polonesa (Malczewski, 2019, s.p).

Em Curitiba, Fredecensis lecionou no Colégio Henryk Sienkiewicz

(vinculado à Sociedade polonesa Tadeusz Kościuszko, formada em 1890). Nele, ofertavam-se disciplinas básicas como polonês, português, história, geografia, física, química, matemática, entre outras, além de música, canto e trabalhos manuais. No ano de 1923, o nosso autor assumiu a secretaria de Educação (Figura 2). Ao mesmo tempo, ministrava aulas na Escola Santa Leopoldina, na cidade de Castro. No ano seguinte, tornou-se professor itinerante no Estado do Santa Catarina, instalando-se em Rio Vermelho-SC (ver link para mapa de pesquisa de opinião nas referências). É oportuno dizer que a maioria dos imigrantes poloneses era de origem camponesa e não tinha acesso integral à educação ou à leitura. Assim, a necessidade de adaptação à realidade brasileira os obrigou constituírem um dialeto polono-brasileiro, com expressões como fak [facão], fiżon [feijão], szymaron [chimarrão], kobruje [cobrar uma dívida], robi fawor [prestar algum favor], kapinuje [capinar], pije z garafy [beber direto da garrafa], por exemplo (Stánczewski, 1925, p. 25 et. seq.)

Em 1925, Fredecensis se destacava como professor de uma escola em Bateias de Baixo. No primeiro semestre de 1926, atuou no Consulado da Polônia e no periódico Lud (Povo), publicando ali os seus escritos. Fundou e coordenou nessa mesma época o periódico Świat Parański. Entre suas publicações constam A influência da língua Portuguesa na língua de colonos poloneses no Brasil, Dicionário Português-polonês de um colono polonês no Brasil e Esboço Bibliográfico das publicações portuguesa e brasileira sobre a Polônia (1929), entre outras.

Por outro lado, o apreço à defesa da liberdade e da independência da Polônia, o envolvimento com sociedades polonesas que se estabeleciam no Brasil, a exemplo da Sociedade Polonesa da Assistência Mútua e da Educação, no Rio de Janeiro, e do Comitê Polonês Central no Brasil, de Curitiba (1918), por parte de Ruy Barbosa, foi fundamental para Fredecensis. Dez anos após a morte de Ruy Barbosa (1º de



Retrato de Józef Stańczewski



março de 1923) ele afirmava: "[...] ele se referiu várias vezes à Polônia, mostrando a sua alegria por ver a Polônia, a pátria de Sobieski, ressurgir de sua tumba, como Lázaro, para retornar o seu lugar no Conselho das Nações. Ele chamava a Polônia uma nação de mártires dignos de compaixão e proteção. Era um verdadeiro e sincero amigo da Polônia" (Malczewski & Siuda-Ambroziak, 2013). Ele também valorizou em seus textos aqueles pensadores que trataram da temática polonesa. Entre eles estavam Machado de Assis, Tobias Barreto, Castro Alves, Alberto Rangel, José Veríssimo, Monteiro Lobato, Visconde de Taunay, Paulo Assumpção e Ruy Barbosa.

Na segunda metade do ano de 1926 Fredecensis retornou à Polônia, instalando-se no mosteiro beneditino, em Lublin. Depois, ele teve uma breve passagem pela Abadia de Emaus, em Praga (República Tcheca), em razão de seu estado de saúde. Em 1929, de volta à Lublin, foi editor do periódico Guia Católico. No final de 1929, Fredecensis retornou ao Brasil, atuando como professor temporário em escolas do interior paranaense. O Jornal O Dia (9 ago. 1930, p. 5), noticiou a exoneração de Stańczewski "[...] professor, da escola da linha Iguaçu, distrito de Fluviopolis, Comarca de São Mateus, nomeando Wenceslau Paul, para substuil--o no cargo". Em seus percursos no Brasil e no exterior Fredecensis deixou atrás de si várias publicações e uma biblioteca com mais de dois mil livros. Estes foram doados à Sociedade polonesa Tadeusz Kościuszko. Ele não constituiu família e foi vítima de um ataque cardíaco numa escola polonesa, em Marumbi dos Elias. Foi enterrado no cemitério de Rio Azul-PR, em 10 de fevereiro de 1935 (ver link do projeto Meu Coração Polonês nas referências).

Józef Stańczewski contribuiu significativamente para a educação dos imigrantes poloneses no Brasil. Ele se referia à perda de identidade daquelas pessoas que procuravam se adaptar a "ilhas de mares estranhos", sujeitos que esqueciam seu idioma, expressões e que não sentiam sua alma e não reagiam "[...] à palavra falada e nem tampouco à leitura dos livros" (Stańczewski, 1925, p. 3 et se.). Os filhos de imigrantes camponeses mereciam uma boa formação, a qual deveria ser condizente com os anseios pessoais e polônicos. Em relação à educação foi evidente a falta de incentivo do governo brasileiro ou mesmo de iniciativas para uma educação bilíngue. Com o decreto de nacionalização, os suportes educativos de leitura e divulgação foram restringidos. As consequências destas ações repercutem ainda hoje. São problemas relacionados à capacitação em polonês, escassez de pesquisas e publicações sobre a temática polonesa, entre outros. Não há dúvida de que o estudo dos periódicos poloneses é uma maneira de compreender o sentido de comunidade (Trindade, 2016, p. 291).

De todo modo, sublinhe-se que Józef Stańczewski soube compreender o seu tempo, colocando em primeiro plano, sobretudo no Brasil, a formação dos professores e a valorização da identidade polono-brasileira. Em suas premissas a formação educativa vai além dos esforços em prol do enraizamento da cultura

e da língua polonesa, especialmente no interior do Estado do Paraná. Para ele, educar significa mobilizar-se para amenizar as deficiências escolares dos filhos de imigrantes camponeses e ultrapassar seus próprios limites. O esforço deveria ser dirigido para o acompanhamento, a produção e a organização do conhecimento. Igualmente, o engajamento e a liderança social também deveriam abranger uma esfera pública político-intelectual que, de alguma maneira, valorizasse os temas e a identidade polonesa.

### Referências Bibliográficas:

FMALCZEWSKI, Zdzislaw, SIUDA-AMBROZIAK, Renata. **Tributo** dos poloneses à Águia de Haia no 90º aniversário da morte de Rui Barbosa. Curitiba: Polonicus, Curitiba, 2013.

KAWKA, Mariano. **Os brasileirismos do dialeto polono-brasileiro**. Dissertação (Mestrado). Curitiba: Universidade Católica do Paraná, 1982.

REGINA DA SILVA, Fabiana. **Associações polonesas União das Sociedades** 

RZYMELKA, Jan. Przedmowa. In: Słownik Portugalsko-Polski Kolonisty Polskiego w Brazylii. p. 1-5.

SIEWIERSKI, Henryk. **História da Literatura Polonesa.** Brasília: Editora da UnB, 2000.

STANCZEWSKI, Jósef. *Słownik Portugalsko-Polski Kolonisty Polskie-go w Brazylji*. Wpływ języka portugalskiego na język kolonistów polskich w Brazylji. Kurytyba: Wydawnictwo Oświaty, n. 10, 1925.

TRINDADE, Rhuan Targino Zaleski. Os periódicos polono-brasileiros: historiografia, fontes e temas de pesquisa. **História Unicamp,** v. 3, n. 6, jul./dez. de 2016, p. 280-293.

ZAMOYSKI, Adam. Poland a History. London: Harper Press, 2009.

### Para saber mais sobre Józef Stańczewski:

Projeto Meu Coração Polonês (Localização do jazigo de Józef Stańczewski, em Rio Azul-PR): https://mojepolskiserce.omeka.net/items/show/42

Pesquisa de opinião pública "Józef Stańczewski (1901-1935) e o saber sobre o passado": https://forms.gle/TaSEjezwy2o12rgSA

Mapa de colaborações em pesquisa de opinião pública: https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1\_5cYNKvbeJrwBUNzJP\_iY-QPHdoz04vwcHYPERLINK "https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1\_5cYNKvbeJrwBUNzJP\_iYQPHdoz04vwc&usp=sharing"&HYPERLINK "https://www.google.com/maps/d/u/0/edit?mid=1\_5cYNKvbeJrwBUNzJP\_iYQPHdoz04vwc&usp=sharing"usp=sharing

Homenagem a Józef Stańczewski (dia dos professores 15/10/2020): https://www.facebook.com/Kobelinski/photos/a.116217906834060/153975306391653/

### **Michel KOBELINSKI**

É Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná — Unespar, campus de União da Vitória. Pós-doutor em História, Membro da Federação Internacional de História Pública, Professor dos cursos de mestrado em Ensino de História e História Pública, além de ser editor da revista Ensino & Pesquisa e membro da equipe editorial Public History Weekly, América Latina.





# Centenário de fundação da colônia polonesa Virmond, no Paraná (Brasil)

Houve um tempo, na passagem do século XIX para o XX, em que milhares de pessoas de pobres vilarejos poloneses e ucranianos foram buscar melhores condições de vida do outro lado do Oceano Atlântico. Multidões partiam de graça para a América do Norte, e um número um pouco menor para a América do Sul, principalmente para o Brasil, onde a propriedade da terra estava sendo distribuída gratuitamente. Era uma viagem sem volta, pois para novo dono da terra, responsável também por sua família, o retorno era impensável por conta dos custos, além do fato de não haver para o quê voltar. Cerca de 250 mil ativos e valorosos representantes da nação polonesa emigraram para o Brasil a fim de "ganhar o pão".

Quando chegaram ao fim as Partilhas e a Polônia milagrosamente reconquistou sua independência, o líder do Estado Polonês, Józef Piłsudski, nomeia Kazimierz Głuchowski como primeiro Cônsul da República da Polônia em Curitiba, no outono de 1919. Após sua chegada ao posto, no início de 1920, o Cônsul percebeu que era necessário travar contato, o mais rápido possível, com os colonos poloneses nos Estados do Sul do Brasil. Eles estavam espalhados em um espaço duas vezes maior do que o que a Polônia possui atualmente e, portanto, chegar até eles exigia que se conhecesse muito bem o território e as condições de cada local. O "guia" foi Franciszek Łyp, um ativista polonês local, professor de uma escola polonesa e redator do semanário polônico Świt.

Os dois logo se conheceram e deram início à jornada: de trem, de carro ou a cavalo, chegaram aos mais distantes povoamentos, no meio da floresta. Por toda parte, eram saudados com cordialidade e ouviam palavras cheias de saudades da Polônia, orgulho por sua pátria ter conquistado a independência e esperança de que lhes fosse enviada proteção e ajuda para as não poucas dificuldades que os camponeses poloneses emigrados encontravam.

Naqueles encontros, os colonos falavam sobre as problemáticas condições de vida que enfrentavam nas colônias em que viviam; mostrou-se que era preciso mudar--lhes a sina, por conta necessidade de estabelecerem-se em novas terras férteis, pois, por falta de experiência, nossos camponeses, explorando demasiadamente o solo, acabaram por torná-lo improdutivo. Além disso, o crescente número de descendentes procurava por novos e melhores terrenos. Também havia novos colonos poloneses a procurar terras melhores do que aquelas oferecidas pelo governo brasileiro, ou, ainda, casos de colonização que não prosperaram, em que os agricultores poloneses acabavam deixando para trás povoados decadentes. Em suma, uma parte significativa deles buscava terrenos saudáveis, com boas qualidades agrícolas, próximos a uma localidade organizada. Era visível a necessidade de uma companhia de colonização polonesa privada, que possibilitasse a compra de terras a preços acessíveis. Como acontece em nosso meio, especialmente em grandes áreas como a do Paraná, faltava iniciativa de organização. Naquela situação, Głuchowski e Łyp decidiram ocupar-se do problema, criando uma empresa-modelo no ramo da colonização. Logo se juntou a ele o agrimensor Władysław Radecki, que assumiu o papel de administrador do empreendimento.

Felizes coincidências permitiram contratar, em boas condições, um terreno destinado ao parcelamento, de propriedade do Coronel Ernesto Queiroz. O Cônsul Kazimierz Głuchowski era a alma do empreendimento. Com apoio do dr. Afonso Camargo, então presidente1 do Estado do Paraná, a divisão de terras foi rapidamente levada a cabo.

Por motivos óbvios, o investimento inicial dos fundadores foi apenas parcialmente suficiente, mas Radecki conseguiu emprestar de W. Kamiński uma soma considerável, o que ajudou sobremodo o empreendimento. Deve-se enfatizar que a criação da colônia foi um empreendimento sem fins lucrativos, pois os fundadores ambicionavam apenas provar que era possível organizar um povo amento de camponeses poloneses sem esperar nada em troca.

Viu-se que o terreno tinha sido escolhido muito bem e tinha formato adequado, com colinas suaves, localizado num planalto cerca de 800m acima do nível do mar. Lá o clima era subtropical úmido, com precipitações de cerca e 1.400mm por ano. A terra era fértil, ocupava cerca de 25.000ha e possuía cursos d'água. De acordo com a tradição do local, a região se chamava Amola Faca, o que se traduz para o polonês aproximadamente como "Tępy Nóż", mas alguns anos depois se deu à colônia o nome de Virmond.

Na imprensa de língua polonesa que circulava nos estados do Sul do Brasil, Franciszek Łyp deu popularidade à companhia através de vários artigos e anúncios. Deu publicidade à futura colônia apresentando um mapa informando sobre sua localização. Em um dos anúncios, pode-se ler (tradução do texto original) que "no primeiro ano compraram chácaras: 1. Władysław Radecki, 2. Piotr Walicki, 3. Józef Jasiński..." e, dessa maneira, foram mencionados os nomes de 65 compradores poloneses. Além disso, deu-se a informação de que "há entre os colonos, cidadãos da região de Curitiba, de Prudentópolis, e até mesmo algumas dezenas de famílias com as quais virão morar artesãos, já há uma venda, está sendo construída uma escola e logo haverá uma igreja. O dr. J. Czaki, que mora lá, cuidará da saúde da colônia. Há vários terrenos para escolher. A terra custará, no máximo, 70.000 mil-réis por alqueire. Título de propriedade, não há intrusos. A comunicação rodoviária é boa, a estrada é mantida pelo governo, a construção de uma linha férrea está garantida. Ao invés de se espalharem pelas matas, juntem-se na colônia Amola Faca. Chega-se melhor até lá vindo de Irati ou Ponta Grossa. Estas são informações do agente de colonização Władysław Radecki, Guarapuava, Paraná".



### HISTÓRIA EM DESTAQUE



Crianças com trajes poloneses na Côlonia de Virmond. Foto RPC. Fonte da imagem: https://gshow.globo.com/RPC/Plug/noticia/a-cultura-polonesa-em-um-pedaco-do-parana-conheca-a-encantadora-cidade-de-virmond.ghtml

Graças ao intenso trabalho de organização e publicidade em Curitiba, levado a cabo por Franciszek Łyp ao longo dos dois anos da primeira etapa da colonização, o tema ganhou popularidade. Logo ficou claro que todo o empreendimento seria exitoso, e numerosos novos moradores ocupavam seus terrenos com grande satisfação. Não muito tempo depois, por iniciativa de Radecki, surgiu uma grande serraria na colônia, graças à qual havia material para construção. Após a remoção do Cônsul Głuchowski para a Polônia e, quatro anos mais tarde, também Łyp ter retornado a seu país de origem, Radecki terminou com brilhantismo o processo de colonização.

Atualmente, a colônia tem cerca de 4.500 moradores, dos quais cerca de 2.700 possuem origem polonesa e muitos têm sobrenomes poloneses com a grafia adaptada para o português, apesar de os nomes serem majoritariamente brasileiros. Com exceção do pároco Piotr Poszwa, natural da Polônia, quase ninguém mais fala polonês na localidade. Contudo, a população cuida com afinco da memória dos antepassados que lá se estabeleceram e, com trabalho duro, construíram as bases para a existência e o desenvolvimento do povoado.

O centro é limpo, as construções são organizadas e encontram-se lá: um centro de saúde, uma escola infantil, duas escolas de ensino fundamental e um colégio. Foi construído também um parque, onde se localiza a "Casa da Memória Polonesa". Trata-se da reconstrução da casa de um dos colonizadores poloneses, Paulo Palinski, e foi aberta ao público em 2009, graças ao trabalho de muitas pessoas, especialmente de Geraldo Zapahowski e Rízio Wachowicz, da BRASPOL. Também a igreja, solidamente construída em uma colina, é um local de manutenção das tradições polonesas. Seu pároco, com grande reverência, dedica-se à realização dos costumes poloneses, como a bênção dos alimentos na Páscoa e a procissão de Corpus Christi. Também o prefeito é, geralmente, de origem polonesa. Três em sequência (mandato de 4 anos): Omar Luiz Palinski, Lenita Mierzwa e, no mandato atual (2017-2020), Neimar Granoski.

As autoridades locais consideram que as comemorações do centenário da colônia serão iniciadas no dia 25 de maio de 2021, isto é, na data do centenário da assinatura do contrato. Tais comemorações serão marcadas por várias festas que, em grande medida, fazem referência à história da comunidade polônica local.

A cidade é margeada por uma estrada pública muito boa e moderna, dando-lhe bom acesso às cidades vizinhas e a um importante centro turístico: as cataratas de Foz do Iguaçu.

### **Bohdan ŁYP**

Nascido em Varsóvia — engenheiro, por 36 anos trabalhou em projetos de estrutura técnica urbana na Polônia e na Líbia e por 19 anos foi professor dessa área na Politécnica de Varsóvia. É autor de diversos livros sobre esse tema. Seu pai, Franciszek Łyp, foi um dos fundadores da colônia Virmond, no Paraná.

# Projeto para a reconstrução da igreja do Rio do Banho: Memórias Vivas (Cruz Machado/PR)

Gostaria de iniciar esse artigo agradecendo a participação dos moradores da região do Rio do Banho e do Pátio Velho nessa série de entrevistas que ajudam a resgatar as memórias locais, relatos que são verdadeiros tesouros para cada um de nós. Agradeço também pelos comentários que temos recebido dos leitores e da comunidade em geral, fato que nos deixa muito animados para a continuidade desses artigos.

Para a matéria de hoje, recebemos a contribuição da Sra. Tereza Luczynski Savicki, atualmente com 66 anos, que é da primeira geração dos imigrantes poloneses e que ainda reside no mesmo terreno dos seus avós paternos e de seu pai, no Rio do Banho. É filha de André

Luczynski e Maria Kancelarowicz, a caçula de dez irmãos. Seu pai veio da Polônia em 1911, na época com 5 anos de idade. É casada com André Savicki, eles têm quatro filhos, e ela expressa o desejo de que ao menos um dos filhos ainda more nesse mesmo terreno que pertence à família há 109 anos, pois é um "lugar abençoado" e sem dúvida com muita história para contar.

Ela nos conta que seu avô paterno, João Luczynski, faleceu da febre tifoide logo após chegarem ao Brasil e, com isso, sua avó paterna Ines Luczynski criou seus filhos sozinha. A Sra. Tereza lembra que sua avó Ines havia trazido uma máquina de costura da Polônia e se dedicava a costurar ternos para casamento e conta com





Igreja do Rio do Banho, antes das reformas nos anos 1960.

orgulho que ainda guarda essa máquina em seu acervo pessoal, após o falecimento da avó.

Da igreja do rio do Banho, consagrada a Nossa Senhora das Dores, ela destaca que é a primeira de Cruz Machado e foi ali que ela recebeu todos os sacramentos, o Batismo (1954), a Primeira Comunhão (1963), a Crisma (1969) e depois o Matrimônio (1977). Reforça a informação de outras entrevistas, de que a igreja foi construída por imigrantes poloneses e de que havia uma escola próxima à igreja, administrada pelas irmãs (não soube informar a congregação) que era frequentada pelos filhos dos imigrantes. Inclusive comentou que os bancos dessa escola encontram-se até hoje dentro da igreja do Rio do Banho.

Relatando um fato pessoal de seu pai, comentou que ele não caminhava até os 11 anos, devido a um acidente que havia sofrido aos 3 anos de idade ainda na Polônia, e para ir à escola, já no Brasil, contava com a ajuda dos amigos, que o levaram em um carrinho. Desse modo conseguiu frequentar as aulas. Seu pai também foi coroinha da igreja no período em que os padres celebravam a missa em latim.

E para fechar a entrevista com chave de ouro, Sra. Tereza nos disponibilizou uma belíssima foto da igreja antes da reforma de 1966-67, de seu acervo pessoal, onde ela destaca "a igreja era mais alta, com sete degraus e ainda possuía o sino". Por fim, ela expressa o desejo de, em memória de seus avós e de seus pais, que estão sepultados no primeiro cemitério da comunidade do Pátio Velho – "que descansem em paz", nos deixa um apelo "gostaria que alguém ajudasse a restaurar a igreja".

Como vimos no relato emocionado da Sra. Tereza, há um vínculo importante de sua história pessoal nesta comu-

nidade e isso cria o pertencimento e com ele o desejo de manutenção de elementos de sua cultura. O pertencimento é um dos termos da etnicidade, utilizado para explicar o vínculo com determinado grupo étnico/cultural, e o envolvimento de seus membros em prol da preservação e manutenção de elementos de sua cultura, para exemplificar, trago um trecho do artigo que publiquei na Revista Polonicus em 2017:

Sob o ponto de vista da etnicidade, alguns estudos apontam que os próprios atores sociais envolvidos nos processos culturais podem manter e/ou simplesmente eliminar elementos de uma cultura. Sim, cada um de nós, que se identifica como ator social em um processo cultural tem algumas responsabilidades no momento de transmitir e manter uma cultura. Vejam que mesmo com as mudanças geográficas, nossos antepassados procuraram adaptar o que foi possível para que conseguissem manter vivas algumas tradições e códigos culturais que representam o povo polonês (FRE-DER; FREDER, 2017, p. 116).

Para finalizar o artigo, afirmo que mais uma vez nos sentimos honrados e emocionados ao acessar memórias tão importantes e que tecem a história polono-brasileira, que é de nossa coletividade!

Colaboraram para essa matéria: Denise Joly Barczak e Paulo Savicki (filho da Sra. Tereza)

### Referências Bibliográficas:

FREDER, Schirlei Mari; FREDER, Remy. Atores sociais e a polonidade: preocupações com a manutenção da cultura. Polonicus: Revista de reflexão Brasil-Polônia, Curitiba, Missão Católica Polonesa no Brasil, ano 8, n. 14, jan./jun. 2017.

### Schirlei Mari FREDER

Doutora e Mestre em Gestão Urbana (PUCPR), pesquisadora de assuntos ligados à polonidade no Brasil. Voluntária e colaboradora da Associação Polono-Brasileira Padre Daniel Niemec, com sede em Santana, Cruz Machado/PR.



Sra Tereza Luczynski Savicki — Foto: Paulo Savicki



# Ten Cel Ignacy Felczak - O Último Veterano da SPK Encerramento das atividades no Brasil -Stowarzyszenie Polskich Kombatantow

Em março de 1960 um jovem engenheiro naval polonês chegou ao Brasil a bordo de um navio construído em um estaleiro de sua terra natal, para ser incorporado a frota da Companhia Costeira de Navegação. Meses depois chegou a sua esposa, a saudosa Dra Alina Felczak com a filha Beata, ainda criança. Dra Alina por 23 anos presidiria a Sociedade Polonia Beneficente do Rio de Janeiro, e Ignacy se tornaria membro da SPK - Sociedade dos Veteranos Poloneses. Havia dezenas de veteranos poloneses naquela época, e aquele jovem sonhador certamente nem imaginava que o futuro lhe reservaria a missão sagrada de se tornar o Presidente da SPK no Rio de Janeiro, e em 2020, ano da pandemia, o último dos bravos veteranos poloneses no Brasil, que lutaram contra uma ideologia equivocada sob o pavilhão da Águia Rubra em Campo Branco.

Ambos participaram do Levante de Varsóvia, tendo Ignacy integrado o Batalhão que combateu os nazistas na Floresta de Kampinos, na região de Varsóvia, e Dra. Alina tinha escapado milagrosamente quando os alemães fuzilaram a sangue frio um grupo de civis onde a mesma se encontrava. Nos anos seguintes, com a Polônia sob o regime comunista preferiram viver no Brasil, aproveitando a oportunidade surgida. Aqui Ignacy, engenheiro naval, trabalhou longos anos na área, ultimamente como perito.

Os Veteranos Poloneses lutaram em ferozes batalhas. Formaram nas tropas do 2º Corpo Polonês, comandadas pelo general Wladyslaw Anders, em Monte Cassino, abrindo caminho para as forças aliadas em Roma, e nas fileiras da Armia Krajowa (AK) - exército de resistência polonês formado depois da invasão alemã em 1939, sob o comando do governo polonês no exílio em Londres. Pilotos da RAF, na Batalha da Inglaterra, voaram sobre os céus infestados de aeronaves nazistas. Integraram o Corpo Blindado, estiveram no Levante de Varsóvia em 1944. Resistiram ao cerco de Tobruk e participaram na Tomada de El-Gazala. Defenderam a Polônia em setembro de 1939 contra a Alemanha, estiveram na França em 1940, na Palestina, Síria, Pérsia, Iraque, Norte da África e Itália. Desembarcaram na Normandia com a RAF e a Marinha Britânica. Gloriosas e antigas são as caras tradições da Polônia, desprovida de defesas naturais, a lutar durante toda história pela liberdade ameacada por vizinhos poderosos. Desde a vitória dos Hussardos Alados na Batalha de Viena contra os turcos, da vitória em Grunwald sobre os Cavaleiros Teutônicos, da expulsão dos suecos até os soldados camponeses de Koścziuszko e as Legiões de Piłsudski, nas lutas contra a Rússia dos Czares, a Prússia, a Áustria, chegando a final à Polônia Restituta e a vitória sobre o Nazismo e o Bolchevismo ateu.

Nação que resistiu sozinha a Hitler, enfrentando a blitzkrieg com apenas 44 divisões, sendo 10 da notável cavalaria ligeira e apenas 3 blindadas, meros 400 aviões, abandonada e enfrentando 84 divisões nazistas das quais 14 Panzer blindadas e mais de 4 mil aviões. Poucos dias após a invasão, foi ainda atacada pela Rússia, tendo inflingido perdas de 90 mil mortos, 150 mil feridos, 600 tanques e 500 aviões nazistas destruídos. Do mundo inteiro, inclusive do Brasil, voluntários poloneses alistaram--se nos exércitos aliados. Soldados brasileiros e poloneses lutaram na Itália, onde escreveram páginas gloriosas, seja na epopéia de Monte Cassino, abrindo o caminho para a Cidade Eterna Roma, seja na tomada do Monte Castello destruindo a Linha Gótica

Ao logo dos anos, a SPK cumpriu seu dever de memória, organizando a tocante cerimônia do Dia do

Soldado Polonês no Monumento aos Pracinhas no Rio de Janeiro, com aposição floral nos túmulos de 10 soldados polono-brasileiros mortos em combate, sepultados no Mausoléu e homenagem aos ex-combatentes poloneses, graças à dedicação e determinação de Ignacy Felczak e seus camaradas, bravos Veteranos Soldados da Polônia. A cada ano, a SPK mandava rezar uma missa na Igreja Polonesa, pequena e aconchegante na Rua Marquês de Abrantes. Duas fileiras de marinheiros em uniforme branco formavam a guarda de honra para a entrada das bandeiras das associações dos ex-combatentes: Veteranos Brasileiros, Poloneses, Ingleses, Belgas, Franceses. O simbolismo da cerimônia era profundo, pois assim como a Polônia em 1939, o Brasil foi vítima da agressão nazista em 1942, através do infame torpedeamento de dezenas de navios mercantes, com perda de centenas de vidas.

Old Soldiers Never Die... a memória de lutas da nação polonesa permanecerá viva no mundo inteiro. Seja na Polônia ou no Brasil, serão ouvidos os acordes os acordes do belo Hino Nacional polonês neste dia de recordação. Pátria que trouxe ao mundo Frederic Chopin, Maria Skłodowska Curie, Nikolau Kopérnik, Adam Mickiewicz e Karol Wojtyła, país sofrido, de história repleta de lutas. Ao ilustre Combatente Ignacy Felczak, no momento em que a SPK encerra suas atividades no Brasil, seus muitos amigos brasileiros e poloneses o saúdam agradecidos por estes 60 anos de dedicação ao país que escolheu adotar, iunto com a saudosa Dra Alina Felczak.

Boa Sorte e Vida Longa com muita

Jeszcze Polska nie zginela - A Polônia não pereceu.

### 🔀 KUCHNIA POLSKA I BRAZYLIJSKA / CULINÁRIA POLONESA E BRASILEIRA

### **Pierogis**

Mais um prato típico. Será que você já conhece? Será que você já comeu? É um prato muito popular, acredito que na Polônia não existe uma pessoa que não saboreou os pierogis. Eles podem ser recheados com vários recheios, porém o tradicional é o de batata com ricota, os chamados de "ruskie", têm com recheio de chucrute e cogumelos, com carne, e também tem os doces, com recheio de morango ou ameixas, e também o mais popular de todos o com recheio de mirtilo.

Estes pasteizinhos cozidos na água na versão salgada e servidos com cobertura de cebola frita, e os doces com açúcar podem ser acompanhados com creme de leite azedo. Eu particularmente gosto de tomar "kwaśne mleko" (leite azedo) para acompanhar os "ruskie".

No ano passado, nas minhas férias, que passei na Polônia, chamei a minha sobrinha, que na época estava com cinco anos, para me ajudar a fazer pierogi. Para a minha surpresa, ela sabia fazer os pasteizinhos direitinho, porque na hora de cozinhar, todos saíram da água inteiros. Isso mostra que ela apertou bem a massa na hora de fechar os pierogis. Depois de pronto ela comeu uns quinze, com bastante creme azedo.

Muitos acham trabalhoso o preparo dos pierogis, porém depois de fazer uma ou duas vezes pegam prática e veem que não era tão difícil e trabalhoso como imaginavam.

Recordo-me quando eu estava testando meus pierogis e minha massa ficava dura, eu ligava para a minha tia que mora na Polônia e perguntava para ela por que minha massa não ficava tão boa quanto a dela e com toda paciência ela me explicava passo a passo.

Em uma certa época eu estava preparando a festa de despedida do Cônsul na Casa da Cultura da Polônia, em São Paulo, e queria que tudo ficasse perfeito. E podem acreditar, ficou! Foram servidos no jantar mais que cinquenta pratos de pierogis.

Hoje vamos aprender a fazer o "ruskie", pois para mim é o mais tradicional dos pierogis.



Fonte da imagem: https://www.pierogi.com.br/

### Vamos precisar:

### Massa:

500 gramas de farinha de trigo 2 colheres de óleo de cozinha ou

Sal a gosto Pode colocar uma gema de ovo Água até dar o ponto

### Recheio:

1 kg de batata cozida e amassada 300 gramas de ricota Uma cebola frita

### Modo de preparo:

Coloque a farinha em um recipiente grande, adicione o óleo, a gema de ovo e o sal (uma pitada), pode usar água fria, mas eu prefiro colocar água quente, se preferir a água quente precisa esperar a massa esfriar antes de colocar a gema. Amasse muito bem até ficar bem lisinha, abra como se abre uma massa de pastel, usando um rolo. Corte a massa com a borda de um copo do tamanho de sua preferência.

### Recheio:

Cozinhe as batatas, depois de esfriar amasse bem, adicione a ricota e a cebola frita, tempere com sal e pimenta-do-reino a gosto, misture bem até ficar no ponto de creme. Recheie a massa com essa mistura.

Em uma panela grande coloque para ferver 2 litros de água com sal, coloque aos poucos os pasteizinhos para cozinhar.

Quando eles subirem, deixe ferver por mais uns dois minutinhos, retire com uma escumadeira. Faça um molho com manteiga e cebolas fritas, depois jogue por cima dos pierogis cozidos.

### Recheio 2

200 g de cogumelos (polonês seco, embebido em água morna até hidratado e maleável)

- 2 colheres de sopa de manteiga
- 1 cebola pequena (bem picada)
- 1 colher de sopa de migalhas de pão (branco fresco)
  - 2 colheres de sopa de salsa picada
  - 1 ovo grande (batido)
  - Sal e pimenta a gosto



### 🗶 KUCHNIA POLSKA I BRAZYLIJSKA / CULINÁRIA POLONESA E BRASILEIRA

Faça o recheio de cogumelos secos. Levante cuidadosamente os cogumelos do líquido de molho para não perturbar o grão no fundo da tigela. Guarde este líquido para sopa de beterraba ou outra finalidade. Pique os cogumelos muito finamente e reserve.

Aqueça a manteiga em uma frigideira grande. Adicione as cebolas e refogue 5 minutos ou até ficarem translúcidas.

Adicione os cogumelos picados às cebolas e cozinhe por 10 minutos ou até que o líquido tenha evaporado e a mistura comece a chiar.

Transfira a mistura de cebola e cogumelos para uma tigela grande e adicione pão ralado, salsa e ovo. Tempere a gosto com sal e pimenta e misture formando uma pasta firme. Separe e deixe esfriar completamente enquanto faz a massa. O enchimento de cogumelos permanecerá refrigerado por até 24 horas.

Abre a massa bem e corte em quadrados de 2 polegadas. (Nota: Como alternativa, a massa pode ser cortada em pequenos círculos e dobrada como para pierogi).

Coloque uma colher cheia de recheio de cogumelos ou a escolha de cada quadrado. Umedeça duas bordas da massa com água e dobre ao meio para formar um triângulo, pressionando para fora o ar.

Enxugue um dos pontos com água e cole o outro ponto e pressione-os juntos. Vai parecer um pouco com um chapéu de três pontas. Repita com a massa restante. Smacznego!

### **Grzegorz Andrzej MIELEC**

Há 15 anos no Brasil, bem conectado com a Polônia, trabalha na Casa Sanguszko de Cultura Polonesa em São  $Paulo\,preparando\,almo ços\,na\,Capelania\,Polonesa,\,repassando\,os\,sabores\,da\,culin\'aria\,guardados\,na\,mem\'oria\,da$ época de infância e adolescência.



# **Concurso Internacional** "Moje najciekawsze spotkanie z Polską online"

Kenzo Piekas Fukushima foi premiado com o primeiro lugar na categoria Cultura, do Concurso Internacional "Moje najciekawsze spotkanie z Polską online" para jovens descendentes de poloneses, promovido pelo Ministério das Relações Exteriores da Polônia. Para elaborar seu desenho em técnica mista, ele buscou inspiração nas flores do folclore de Łowicz e também no bairro Bałuty, na cidade de Łódź, considerada o centro da indústria cinematográfica daquele país. Kenzo tem 16 anos e mora na Colônia Antônio Prado, em Almirante Tamandaré-PR, local onde se instalaram várias famílias de imigrantes no final do século XIX, vindas de Stare Siołkowice, Sudoeste da Polônia. Sua trajetória no âmbito da arte transita entre cursos de desenho e pintura no Solar do Rosário, a participação no Grupo Junak Folclore Polonês, como também estudo de música na EMBAP e Conservatório de Música Popular Brasileira.

Link do concurso:

https://www.gov.pl/web/dyplomacja/polska-w-twoim-domu

### **Mari Ines PIEKAS**

Designer, artista plástica e ilustradora com estágio de pós-graduação na Academia de Belas Artes de Varsóvia. Pesquisadora na área de ensino da arte e deficiência visual. Membro da Casa da Cultura Polônia Brasil em Curitiba, desde 2012. Contato:



Ilustração de Kenzo Piekas Fukushima, 2020





### DESVENDANDO A LÍNGUA POLONESA

# **Divergências Semânticas**

É comum que na comparação entre línguas diversas se encontrem vocábulos iguais ou muito semelhantes (na pronúncia e na grafia, ou só na pronúncia), mas que têm uma semântica, isto é, um significado diferente.

Vejamos primeiro alguns exemplos entre o português e o espanhol e o português e o inglês:

### Português/Espanhol

apelido - apodo, sobrenombre oficina - taller

cartão - tarjeta

### Português/Inglês

atualmente - nowadays livraria - bookstore pretender - intend

### Espanhol/Português

apellido - sobrenome

oficina - escritório cartón - papelão

### Inglês/Português

actually - na verdade library - biblioteca pretend - fazer de conta

Entre o português e o polonês também poderemos encontrar um número significativo de tais vocábulos. Na lista abaixo encontra-se a tradução de cada palavra para a outra língua:

### Português/Inglês

aula - lekcja, wykład **baba** - śluz **batata** - kartofel, ziemniak bela - piękna caça - myślistwo; polowanie cala - (on/ona) milczy,

przemilcza capa - okładka; płaszcz capela - kaplica

cara - cenna, droga; twarz, wyglad

carta - list

cava - (on/ona) kopie, wykopuje

cobra - wąż, żmija

coça - (on/ona) drapie; swedzi

conto - opowiadanie crosta - skorupa

cura - leczenie, wyzdrowienie; proboszcz

curva - zakret

dar - dać, dawać

**dobra** - fałda, zagięcie dobre - (żałobne) bicie

dzwonów

**dobro** - podwójna ilość **droga** - lek; narkotyk;

tandeta

estrada - droga

fala - (on/ona) mówi

fale - mów fuga - ucieczka

grosa - drapaczka, skro-

baczka lasca - odłamek lata - blacha; puszka

**luz** - światło

mama - (on/ona) ssie; sutek

### Polonês/Português

aula - auditório

baba - (mulher) velha batat (pl. bataty) - bata-

ta-doce bela - balote, fardo

kasa - caixa

kala - (ele/ela) mancha, suja

kapa - colcha

**kapela** - banda (de música)

kara - castigo, pena

karta - cartão

kawa - café

kobra - naja

kosa - gadanha

konto - conta (bancária)

krosta - pústula kura - galinha

kurwa - prostituta

dar - donativo; dom, talento

dobra - boa

dobre - bom, boa, bons,

dobro - (o) bem

droga - caminho, estrada

estrada - estrado, tablado

fala - onda

fale - ondas

fuga - encaixe, entalhe, iunta

**groza** - horror, pavor

laska - bastão, bengala lata - anos (plural de rok) **luz** - espaço vazio, folga mama - mamãe

### Português/Inglês

mata - las, puszcza; zabija merda - gówno

miau - miau (czenie) (kota)

mimo - upominek **mina** - kopalnia; zródło missa - msza

miséria - bieda, nedza **mundial** – światowy

neto - wnuk

**nora** - synowa

nós - my; noz - orzech

oi! - cześć!

orca - zool. orka

ossada - kości: szkielet

**pá** - łopata

palma - liść palmowy; dłoń

pás - łopaty; paz - pokój

(stan zgody)

para - do, żeby; (on/ona) staje, zatrzymuje się

passa - (on/ona) mija,

przechodzi

pompa – okazałość

praça - plac

pula - (on/ona) przeska-

kuje, skacze

reclama - (on/ona) do-

maga się; protestuje roça ['Rosa] - karczowi-

sko, pole

sarna - świerzb

séria - poważna

sério - poważny

sonda - sonda (przyrząd)

sova - chłosta, cięgi sul - południe

suma - podsumowanie,

tapete - dywan

tempo - czas

traça - mól

trava - rygiel, zasuwka

trema - diereza

tu - ty

vaga - (duża) fala; wolne miejsce, wakat

vara - rózga, tyczka

vinda - przybycie; przyjazd; przyjście

### Polonês/Português

mata - esteira, tatame merda: pies merda

ogonem o cão abana a

miał - (ele/ela) tinha; pó (de carvão)

**mimo** - apesar de

mina - cara, semblante

misa - tigela (grande) mizeria - salada de pe-

pino com creme de leite mundial - copa do mun-

do (de futebol)

netto - líquido (peso)

nora - toca; casebre nos - nariz

oi! - ah!, oh!

orka - aração; zool. orca

osada - povoado, vila

pa! - tchau!

palma - palmeira

pas - cinto

para - vapor; par, casal

passa - fase (boa ou má)

**pompa** – bomba

**prasa** - imprensa, prensa

pula - aposta, parada (em jogo)

reklama - anúncio, pu-

blicidade rosa ['rosa] - orvalho

sarna - cervo, veado

**seria** - rajada; série

**serio** - a sério, seriamente sonda - sonda (instrumen-

to); pesquisa, sondagem

sowa - coruja

**sól** - sal suma - importância,

soma; missa solene tapeta (pl. tapety) - pa-

pel de parede

tempo - ritmo

**trasa** - caminho, itinerário trawa - capim, grama

trema - nervosismo

**tu** - aqui

waga - balança; peso wara: wara ci do mnie!

não mexa comigo! winda - elevador

### Mariano KAWKA

Professor, tradutor, lexicógrafo. Licenciado em Letras Português-Inglês pela PUC-PR e Mestre em Língua Portuguesa pela mesma Universidade. Autor do Dicionário Polonês-Português/Português-Polonês, publicado em 2015 no Brasil (Porto Alegre) e na Polônia (Varsóvia).



# FAMÍLIA ANGULSKI: várias gerações há 130 anos no Brasil (Parte I)

Ao longo da minha infância e adolescência sempre tive muitos sonhos que se realizaram com o passar do tempo, quando me tornei adulto. Minha predileção, desde jovem por história e geografia, além do hábito da leitura me fez gostar de buscar nas fontes do saber, principalmente quando frequentei os bancos escolares, pesquisar nas bibliotecas públicas: enciclopédias, atlas geográfico e livros sobre a história Geral e do Brasil, enfim tudo aquilo que agregasse informação e conhecimento sobre a antiguidade, a idade média e a idade moderna e a visão da construção do mundo contemporâneo.

Assim, graças a abnegação de milhares de nossos antepassados que se sacrificaram para garantir a sobrevivência de seus filhos, por vezes sacrificando até mesmo suas próprias vidas, é que me veio a inspiração de escrever este artigo sobre a nossa família, que neste ano de 2020, precisamente no dia 19 de outubro comemoramos 130 anos da presença em solo brasileiro a despeito das dificuldades, aflições, desencontros e temores. Este artigo é uma forma de reconhecimento e gratidão a todos os nossos ascendentes que criaram e formaram a nossa família no velho continente, no além-mar e a todos os descendentes que mantiveram e deram continuidade em terras brasileiras a uma vida dedicada aos filhos, que com dificuldades e muito amor, ensinaram a fazer o bem, perseverar na honestidade e dessa forma ajudaram, decisivamente a construir e lapidar o caráter de todas as gerações.

Durante minha infância e adolescência, ouvia de meu pai a mensagem orgulhosa e solitária sobre os feitos dos heróis da nação polonesa principalmente: Copérnico, Chopin, Pilsudski, Kosciuscko, Paderewski, Sienkiewicz, Madame Curie que com coragem e perseverança mantiveram ao lado de seus compatriotas acessa a milenar cultura polonesa. Lembro-me com clareza que meu pai falava sobre o livro que havia lido de Henryk Sienkiewicz "Quo Vadis", explicando inclusive que esta expressão em latim significa "Para Onde Vais? Esta obra inclusive rendeu a Sienkiewicz, o Prêmio Nobel de Literatura, no ano de 1905 e que mais tarde se tornou um épico do cinema mundial.

Os poloneses sedentos de paz, terra e liberdade, emigraram para várias partes do mundo. O Brasil foi um dos países que recebeu de braços abertos os poloneses que são originários dos povos eslavos "os polonos" reconhecidos por "cultivar a terra para a lavoura" que ocupavam a região da Wielkopolska, formadores da nação polonesa que sob a dinastia dos Piast, passou a existir a partir do ano de 966 d. C. Depois de ser, nos séculos XVI e XVII, uma das mais poderosas nações da Europa, a Polônia conviveu, no século XVII, com uma decadência altamente perigosa, pelo fato de estar rodeada por nações poderosas e em busca de expansão territorial. Diante deste contexto sobreveio então um período difícil e trágico, marcado pelas chamadas "partilhas" da Polônia."

Ainda que desmembrada e ocupada, mostrou a Polônia extraordinária vitalidade em todos os domínios da Cultura e Civilização. Esta Polônia que trouxeram no coração, era a força e inspiração para novos tempos em terras novas. A maioria dos imigrantes poloneses que vieram para o Brasil viajavam sem a proteção de ninguém, sem conhecimento da língua, do clima e sem nenhum preparo para enfrentar o país novo, pois naquela época não existia na Polônia, nenhum organismo oficial que tratasse da imigração, pois a Polônia não era um País independente.

Diante deste contexto político, econômico e social é que meu bisavô paterno Jan Angulski e minha bisavô materna Waclava Fulman, que nasceram na Polônia e viviam na Província de Konin e Kalisz, região central da Polônia, conhecida com Wielkopolska (Grande Polônia), partiram do Porto de Bremen - Alemanha e vieram no navio/vapor Weser que fazia a linha Bremen/Alemanha - Rio de Janeiro/ Brasil e desembarcaram no dia 19 de outubro de 1890 no Porto do Rio de Janeiro, onde permaneceram em quarenta na Ilha das Flores. Neste vapor/navio Weser, vieram Jan Angulski (48 anos), Waclava Fulman (38 anos), Jósef Angulski (20 anos), Stanislawa Angulski (17 anos), Kazimierz Angulski (16 anos), Jadwiga Angulski (13 anos), Anna Angulski (8 anos) e Stephan Angulski (6 anos).

Weser quem em alemão significa "alegria", com certeza tem tudo a ver com cada um de nós que através de ge-

rações, com muito trabalho, perseverança e fé conquistamos nosso espaço na sociedade brasileira. Podemos definir que o dia 19 de outubro, seja considerando o "Angulski's Day" ou "Dzien Rodziny Angulski ", para que possamos reverenciar a memória de nossos antepassados e celebrar a evolução de nossas vidas e da humanidade. Importa esclarecer que no mês de janeiro de 1891 nossos heróis se estabeleceram na Colônia Acioly de Vasconcelos, pois ali era a colônia dos imigrantes poloneses que vinham para o Sul do Estado de Santa Catarina, precisamente na Linha Ferreira Pontes, atual município de Cocal de Sul.

Na Polônia meu bisavô Jan Angulski, era um excelente artesão e produzia com muita maestria rodas para os carrocões, enquanto seu filho Jósef Angulski era um exímio ferreiro, por sua vez sabe-se que minha bisavó Waclava Fulman tinha como irmão o Bispo da cidade de Lublin Marian Leon Fulman e um dos fundadores da Universidade Católica de Lublin e que durante a segunda guerra mundial foi perseguido e assasinado pelos nazistas. Mais tarde, meu bisavô Jan Angulski e minha bisavó Waclava Fulman, radicaram-se na Região Metropolitana de Curitiba--PR, pois ali se constituía uma grande colônia de imigrantes poloneses, a maior do Brasil, onde nasceu Vicente Angulski muito provavelmente no interior do município de Araucária -PR. Os restos mortais de Jan Angulski estão no cemitério do município de Araucária-PR, cidade próxima a Região Metropolitana de Curitiba-PR.



Família de Jósef Angulski e Anna Klima Angulski Imigrantes da Warta e Cracóvia estabelecidos na Colônia "Acioly de Vasconcelos"atual município de Cocal do Sul - SC (Foto - acervo pessoal)

### Nazareno Dalsasso ANGULSKI

Pesquisador da Temática Polonesa em Santa Catarina. Administrador de Empresas. Especialista em Organização, Sistemas e Métodos e especialista em Gestão da Qualidade.





# **Tito Zeglin**

Homenageamos nesta ocasião, o vereador Tito Zeglin, que foi reeleito para a Câmara Municipal de Curitiba. Em agosto de 2018, ele foi o anfitrião do deputado polonês Jan Dziedziczak na CMC, onde foi recebido em sessão especial. Diversos representantes de instituições locais se reuniram naquela data.



Foto: Assessoria de Comunicação da CMC.



### **Boletim Filatélico**

Recebemos a mais nova edição do BOLETIM FILATÉLICO nº 34, de novembro/dezembro 2020, através do presidente do Clube Filatélico Brusquense, Jorge Paulo Krieger Filho. Nas páginas 15 e 16 encontramos uma interessante matéria intitulada "Chopin visto através da Filatelia Portuguesa" de Américo Rebelo da cidade de Porto (Portugal).

Caixa Postal 212, 88.353-970, Brusque - Santa Catarina

Contato: jorgekrieger@uol.com.br



# Algumas mensagens e comentários que recebemos e agradecemos, sobre a publicação do Boletim TAK! 17 (setembro/outubro):

> Agradeço e me sinto honrado sempre que recebo uma nova edição do *Boletim Tak!* Parabenizo a você e demais colaboradores pela excelência e qualidade na produção deste valioso informativo. A diversidade de temas, unindo passado, presente e projetando o futuro, traduze a riqueza da cultura polonesa. Também muito me agrada o layout atrativo, dinâmico e de fácil entendimento. Faço votos que o *TAK!* alcance um número cada vez maior de pessoas, pois a nossa sociedade é carente de boas informações. No que estiver ao meu alcance, pode contar sempre comigo e tenha a certeza que sou um leitor assíduo.

Que Nossa Senhora de Częstochowa abençoe o trabalho de vocês!

Tito Zeglin (Vereador em Curitiba/PR)

> Sou admirador de tudo o que seja valorizado pelas tradições culturais dos povos, em especial os que vieram para o Brasil ajudar a criar este imenso País, sem deixar de lado os valores, as tradições e o histórico das famílias que lutaram e lutam para levar em frente o que as gerações antigas nos deixaram. Admiro demais os costumes, a culinária e as danças polonesas, acompanhando os eventos, já que residi durante 25 anos próximo do Bosque do Papa. Parabéns a toda a equipe do *TAK!* 

Irani de Souza Portilho (Curitiba/PR)

Boletim Tak! AGENDA CULTURAL POLÔNIA BRASIL Número 18 - Novembro / Dezembro 2020

Realização



Apoid







Rzeczpospolita Polska Ministerstwo Spraw Zagranicznych "Este projeto é cofinanciado com recursos do Ministério das Relações Exteriores da República da Polônia"